



# SOCIOLOGIA

SUA BÚSSOLA PARA UM NOVO MUNDO

*Sua bússola para um novo mundo* enfatiza quatro aspectos principais, a maioria ausentes nos livros-texto de introdução à sociologia disponíveis no mercado editorial brasileiro: o estabelecimento de conexões entre o indivíduo e o mundo social; a ênfase no "como pensar" sociologicamente e não no "o que pensar"; a diversidade de uma perspectiva global; e aspectos contemporâneos da sociologia brasileira.

Este livro é utilizado uma série de recursos pedagógicos e metodológicos, a introdução de histórias pessoais dos autores, seções relativas a políticas sociais contemporâneas, descrição de padrões sociais que levam ao questionamento da sociedade que o aluno ocupa na sociedade etc.

RAÇÕES

liografia básica para as disciplinas fundamentos de sociologia, introdução à sociologia, estudo das sociedades contemporâneas, análise sociológica, sociologia sociedade brasileira contemporânea. O livro também se aplica aos mais diversos cursos de graduação que incluam a sociologia em seus currículos, assim como para todos os que se preocupam em entender o mundo contemporâneo.

Visite nossos sites:

[www.thomsonlearning.com.br](http://www.thomsonlearning.com.br)  
[www.thomsonlearning.com](http://www.thomsonlearning.com)

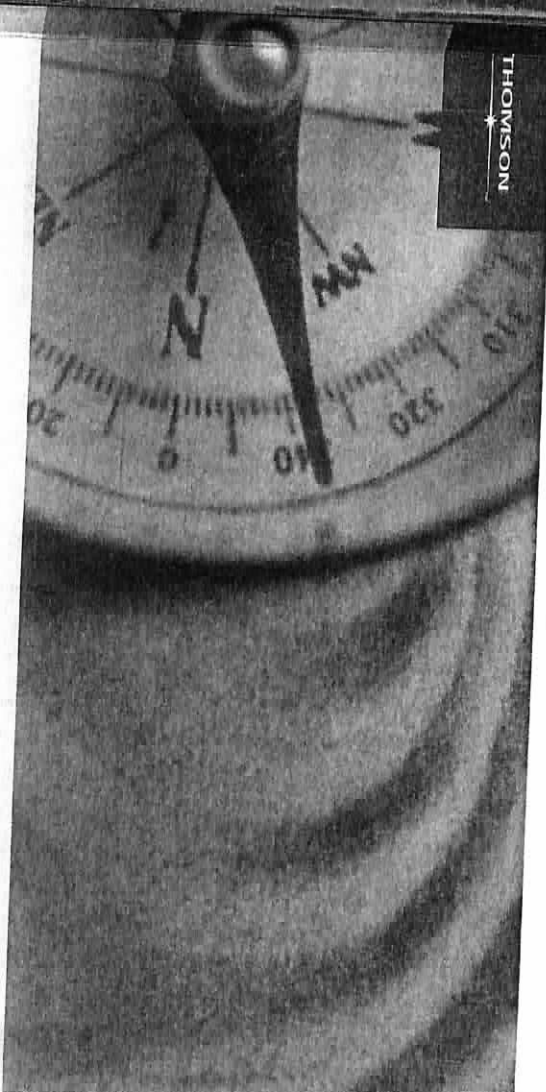


# SOCIOLOGIA

SUA BÚSSOLA PARA UM NOVO MUNDO

Brym | Lie | Hamlin | Mutzenberg | Soares | Souto Maior

THOMSON



# SOCIOLOGIA

SUA BÚSSOLA PARA UM NOVO MUNDO

Robert J. Brym

John Lie

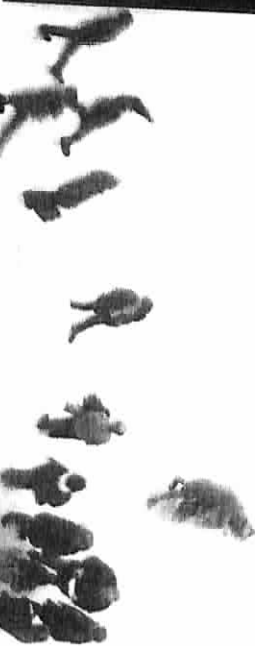
Cynthia Lins Hamlin

Remo Mutzenberg

Eliane Veras Soares

Heraldo Pessoa Souto Maior

6 authors  
18 authors



1ª edição brasileira

# Sociologia

sua Bússola para um Novo Mundo

1ª edição brasileira

Robert J. Brym

Universidade de Toronto

John Lie

Universidade da Califórnia, Berkeley

Cynthia Lins Hamlin

Universidade Federal de Pernambuco

Remo Mutzenberg

Universidade Federal de Pernambuco

Eliane Veras Soares

Universidade Federal de Pernambuco

Heraldo Pessoa Souto Maior

Universidade Federal de Pernambuco

THOMSON

Austrália

Brasil

Canadá

Cingapura

Espanha

Estados Unidos

México

Reino Unido

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sociologia : sua bússola para um novo mundo /  
Robert Brym. -- (1.ª ed.). -- São Paulo : Thomson  
Learning, 2006.

Outros autores: John Lie, Cynthia Lins Hamlin, Remo  
Mutzenberg, Eliane Veras Soares, Heráldo Pessoa  
Souto Maior.

Título original: Sociology : your compass for a  
new world / tradutores.

Bibliografia.

ISBN 85-221-0467-0

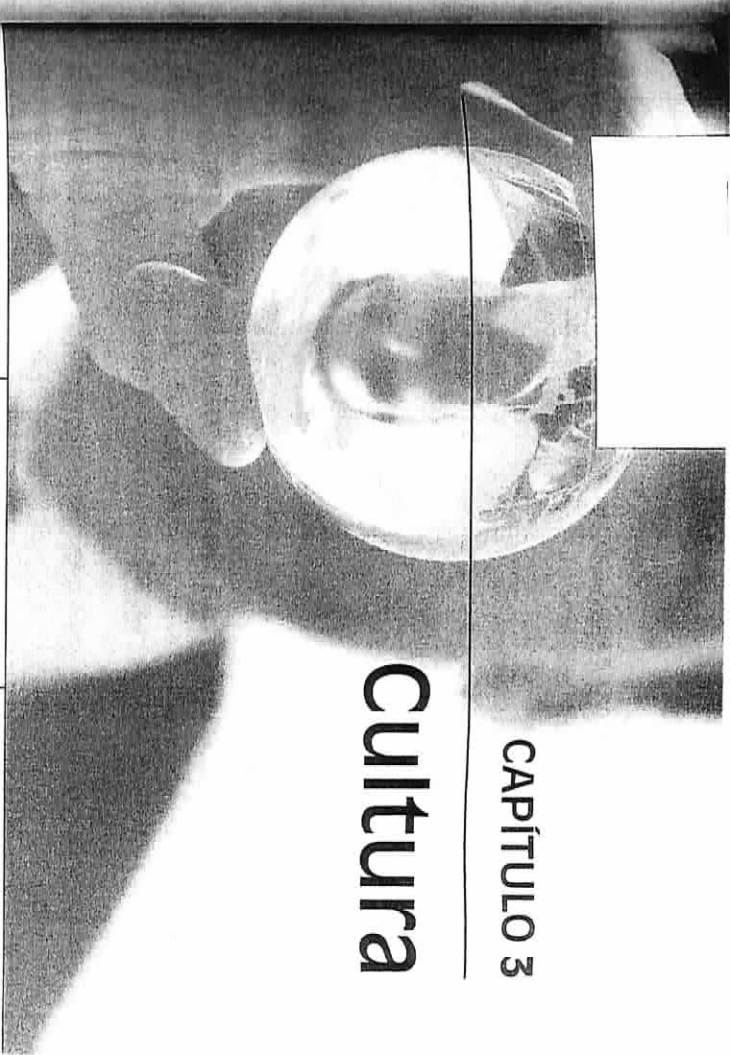
I. Sociologia. I. Brym, Robert. II. Lie, John.  
III. Hamlin, Cynthia Lins. IV. Mutzenberg, Remo.  
V. Soares, Eliane Veras. VI. Souto Maior, Heráldo  
Pessoa.

06-3025

CDD-301

Índice para catálogo sistemático:

I. Sociologia 301



## CAPÍTULO 3

# Cultura

Neste capítulo,  
você aprenderá que:

- Cultura é a soma das idéias, das práticas e dos objetos materiais compartilhados que as pessoas usam para se adaptar aos seus ambientes.
- Os seres humanos tiveram sucesso na sua adaptação aos ambientes mais diversos devido à sua capacidade única de pensar de maneira abstrata, cooperar uns com os outros e construir ferramentas.
- Embora os sociólogos reconhecem que a biologia estabelece os limites e os potenciais humanos, a maioria não acredita que comportamentos e arranjos sociais específicos sejam biologicamente determinados.
- Em alguns aspectos, o desenvolvimento da cultura possibilita maior liberdade às pessoas. Por exemplo, a cultura tem se tornado mais diversificada e o consenso tem diminuído em muitas áreas, possibilitando às pessoas fazerem mais escolhas em relação a como devem viver suas vidas.
- Em outros aspectos, o desenvolvimento da cultura impõe limites em relação a quem queremos ser. Por exemplo, no mundo atual, a cultura de consumo tem se tornado quase um passatempo. Nesse sentido, as pessoas têm cada vez mais se autodefinido a partir daquilo que consomem.

gulhavam os pratos, esfregavam com um pano e, finalmente, enxaguavam na pia com água limpa. Outros, dissolviam o detergente em uma caneca com água que usavam para mergulhar um pano com o qual ensaboavam os pratos e os enxaguavam em água corrente. Outros, ainda, colocavam o detergente diretamente em uma esponja com a qual esfregavam os pratos e os enxaguavam em uma das pias cheias de água. As combinações eram tantas quantos os residentes da casa. Assim, as sessões de lavagem de pratos permitiram que percebêssemos o quanto de nossas vidas era regulado por maneiras de proceder que aprendemos em nossos países de origem e que nos pareciam muito 'naturais' porque eram compartilhadas pelos membros de nossa sociedade."

Quando algumas pessoas dizem "cultura", estão se referindo à opera, ao balé, às artes plásticas e à literatura. Para os sociólogos, entretanto, essa definição é muito limitada. Eles, às vezes, utilizam o termo **alta cultura** para se referir à opera, ao balé, à literatura etc. e distinguem-na da **cultura popular** e da **cultura de massa**. Enquanto a alta cultura é consumida principalmente pelas classes mais altas, a cultura popular e a cultura de massa são consumidas por todas as classes. Os sociólogos definem **cultura** em geral no sentido muito amplo de todas as práticas, idéias, valores e objetos materiais que criamos para nos ajudar a lidar com questões concretas. Com base nessa definição, podemos afirmar que a principal distinção entre a cultura popular e a cultura de massas é que a primeira se baseia em concepções, valores, objetos etc., que podem ser considerados tradicionais, os elementos da cultura de massa são transmitidos e difundidos pelos meios de comunicação de massa. Seja como for, todas as formas de cultura representam formas de lidar com questões concretas. Assim, quando escolhiam os ingredientes de suas receitas, preparavam a comida e lavavam os pratos, Cynthia e seus colegas estavam utilizando práticas e objetos de suas culturas para lidar com o problema concreto de preparar alimentos.

Da mesma forma, as ferramentas possibilitam às pessoas resolver problemas relacionados à agricultura ou à construção de casas. A religião ajuda as pessoas a encarar o problema da morte e a como atribuir sentido às suas vidas. Ferramentas e religião também são elementos culturais porque ajudam as pessoas a resolver problemas concretos de suas vidas. O que há de comum entre todos os elementos culturais mencionados aqui é que são passados de uma geração a outra e são amplamente compartilhados pelos membros de uma sociedade. Como ocorre o compartilhamento da cultura? Por meio da comunicação e da aprendizagem. Assim, a cultura é *socialmente* transmitida. Ela requer uma sociedade para que persista. (Por sua vez, uma sociedade pode ser concebida como um número de pessoas que interagem, normalmente em um território definido, e compartilham uma cultura.) Pode-se então concluir que a cultura é composta das idéias, das práticas e dos objetos materiais socialmente transmitidos que possibilitam às pessoas se adaptar a seus ambientes.

### As Origens da Cultura

Você pode ter uma idéia da importância da cultura para a sobrevivência humana ao considerar como nossos ancestrais viviam há cerca de 100 mil anos. Eles viviam em ambientes naturais extremamente severos. Tinham poucos dotes físicos, sendo mais lentos e mais fracos do que muitos outros animais. Ainda assim, apesar dessas desvantagens, eles sobreviveram. Mais do que isso: prosperaram e dominaram a natureza. Em grande medida, isso foi possível porque eram as criaturas mais inteligentes de seu ambiente. Seus cérebros sofisticados possibilitaram que criassem culturais de sobrevivência de enorme complexidade e flexibilidade. Estes *kits* culturais de sobrevi-

### A Cultura como Forma de se Resolver Problemas

Lavando Pratos  
As Origens da Cultura

### Cultura e Biologia

A Evolução do Comportamento Humano  
O Problema da Linguagem  
Cultura e Etnocentrismo

## III A Cultura como Forma de se Resolver Problemas

### Lavando Pratos — História Pessoal

Quando Cynthia Hamlin recebeu uma correspondência da universidade inglesa na qual foi fazer seu doutorado comunicando que se hospedaria em uma residência do *campus* com mais quatro estudantes estrangeiros, ela sabia que muitos dos hábitos e costumes de seus colegas seriam diferentes dos seus. De fato, todos os outros habitantes da casa, recém-chegados do Japão, do Canadá, de Botswana e da extinta Alemanha Oriental, também tinham consciência disso. Como ela, estavam todos ansiosos por compartilhar suas experiências de vida. Foi assim que decidiram que, a cada domingo, alguém seria responsável pela preparação de uma refeição de seu país de origem, o que, além da refeição supostamente exótica, garantia longas horas de conversa ao redor da mesa.

No entanto, nada os havia preparado para a diversidade que encontrariam ao desempenhar as atividades mais corriqueiras, o que provocava sensações de estranhamento constante nos habitantes da casa. "Comprávamos os utensílios de cozinha que cada um de nós achava essencial e que, aos outros, pareciam absolutamente supérfluos", diz Cynthia. "Visitávamos mercados 'étnicos' nos quais era possível comprar desde frutas estranhas aos meus colegas, como jacas e pitombas, a temperos e misturas que até hoje não sei ao certo o que são. Preparávamos a comida seguindo verdadeiros rituais, que provavelmente testemunhamos nas cozinhas de nossas avós e que nossas mães se surpreenderiam se os vissem resgatados. Escolhíamos com cuidado a trilha sonora de nossas refeições e nos esforçávamos para ensinar uns aos outros como comer determinados pratos segundo as regras de etiqueta de nossos países."

"Nossas reuniões aos domingos nos faziam tomar consciência de que as receitas típicas de nossos países de origem envolviam um sem-número de objetos materiais, práticas e valores sobre os quais raramente pensávamos. Para cada um de nós, havia a 'maneira correta' de cortar o peixe e temperá-lo; o tipo apropriado de panela para cada receita; a bebida correta para acompanhá-la. E nada daquilo era seriamente questionado pelos outros — afinal de contas, a maioria das receitas era estranha para nós." Mas, como quase sempre ocorre quando as pessoas se deparam com costumes e hábitos diferentes dos seus, algumas situações geravam questionamentos mais profundos: "Era ao desempenhar tarefas corriqueiras, como lavar pratos, que questionávamos o procedimento dos outros. Uns enchiam duas pias com água quente, dissolviam detergente em uma delas, mer-

vência continham três instrumentos principais. Cada instrumento representava um talento tipicamente humano e deu origem a um elemento cultural diferente.

O primeiro instrumento do *kit* cultural de sobrevivência humana é a **abstração**, a capacidade de criar idéias gerais ou formas de pensamento que não são relativos a exemplos particulares. Os **símbolos**, por exemplo, são um tipo importante de tais idéias. Os símbolos carregam significados particulares. Linguagens, notações matemáticas e signos são tipos de símbolos. Os símbolos nos permitem classificar nossas experiências e generalizar a partir delas. Por exemplo, reconhecemos que podemos sentar em vários objetos, mas apenas alguns deles têm quatro pernas, um encosto e um espaço para uma pessoa. Distinguímos esses objetos de outros ao nomeá-los “cadeiras”. Mais ou menos quando as crianças atingem o primeiro ano de vida, elas ouviram essa palavra inúmeras vezes e compreendem que *ela se refere a uma certa classe de objetos*. É verdade que alguns chimpanzés foram ensinados a usar a linguagem dos sinais e aprenderam algumas dúzias de palavras e a formular frases simples. No entanto, eles não podem aprender regras de gramática, ensinar aos outros chimpanzés muito do que sabem ou superar o vocabulário de um ser humano extremamente jovem (Pinker, 1994). A abstração para além do nível mais rudimentar é uma capacidade unicamente humana. Nossa capacidade de abstração nos permite aprender e transmitir conhecimento de uma maneira que nenhum outro animal pode fazer.

A **cooperação** é o segundo principal instrumento do *kit* cultural de sobrevivência e refere-se à capacidade de criarmos uma vida social complexa por meio do estabelecimento de **normas**, ou maneiras geralmente aceitas de se fazer as coisas. Quando educamos crianças e construímos comunidades e indústrias, estamos cooperando ao reunir recursos e ao encorajar as pessoas a adquirir capacidades especializadas, ou seja, possibilitando a elas conseguir coisas que ninguém conseguiria sozinho. Uma variedade enorme de arranjos e instituições sociais — de sistemas de saúde e forças de adoração religiosa a partidos políticos — testemunham a capacidade humana de cooperar e seguir normas. Também é verdade que alguns animais, inclusive insetos, cooperam em graus variados. No entanto, essa cooperação ocorre como resultado do instinto, mais do que do aprendizado de normas. Também é verdade que muitos comportamentos aparentemente não-cooperativos ocorrem no mundo. Entretanto, quando as pessoas se engajam em guerras, crimes e revoluções, elas devem cooperar e respeitar determinadas normas, sob o risco de não alcançar seus objetivos. O ladrão de bancos que é abandonado pelo colega motorista no local do crime será apanhado; o capitão do navio cujo marinheiro decidem fazer um motim perderá a batalha.

A **produção** é a terceira principal ferramenta do *kit* cultural de sobrevivência humana. Ela envolve fazer e utilizar ferramentas e técnicas que melhoram nossa habilidade em extrair o que queremos da natureza. Tais ferramentas e técnicas são conhecidas como **cultura material**. Na natureza, todos os animais extraem algo da natureza para sobreviver, e um macaco pode, às vezes, utilizar uma pedra para quebrar outro objeto. Mas apenas os seres humanos são suficientemente inteligentes e habilidosos para *fazer* ferramentas e utilizá-las para produzir todo o tipo de coisas: de comida a computadores. Entendida nesse sentido, a produção é uma atividade unicamente humana.

A Tabela 3.1 ilustra cada uma das capacidades humanas básicas e seus derivados culturais relativos a três tipos de atividade humana: medicina, direito e religião. Ela mostra, para cada um dos tipos de atividade, como a abstração, a cooperação e a produção originam tipos particulares de

idéias, normas e elementos da cultura material. Na medicina, as idéias teóricas sobre como nosso corpo funciona são avaliadas a partir de normas sobre como testar teorias experimentalmente. A experimentação, por sua vez, resulta na produção de novos medicamentos e terapias que fazem parte da cultura material. No direito, valores, ou idéias compartilhadas sobre o que é certo ou errado, são incorporados em um código legal, ou normas que definem o que é o comportamento ilegal e quais são as punições para aqueles que infringem a lei. A aplicação da lei requer a criação de tribunais e prisões, que também fazem parte da cultura material. As cosmologias religiosas — idéias tradicionais acerca de como o universo foi criado, o significado da vida e assim por diante — são expressas em costumes religiosos relativos a como adorar os deuses e a como tratar outros seres humanos. As cosmologias e costumes religiosos podem dar origem a uma cultura material que inclui igrejas e sua arte e arquitetura. *Como esses exemplos sugerem, a capacidade de abstração, cooperação e produção são evidentes em todas as esferas da cultura.*

● Tabela 3.1: Os elementos básicos da cultura

|           |                    | Capacidades Humanas |                         |
|-----------|--------------------|---------------------|-------------------------|
|           |                    | Cooperação          | Produção                |
| Abstração |                    | ↓                   | ↓                       |
| Idéias    |                    | Normas              | Cultura material        |
| Medicina  | Teorias            | Experimentos        | Medicamentos            |
| Direito   | Valores            | Leis                | Tribunais, prisões      |
| Religião  | Crenças religiosas | Costumes religiosos | Arte sacra, arquitetura |

Fonte: Adaptado de Bierstedt (1963).

Para concluir essa discussão sobre as origens da cultura, devemos observar que as pessoas são normalmente recompensadas quando seguem as diretrizes da cultura e punidas quando não as seguem. Essas recompensas e punições, que têm como objetivo assegurar a conformidade, são conhecidas como **sanções**. Tomadas em seu conjunto, são chamadas de **sistema de controle social**. As recompensas (ou sanções positivas) incluem desde elogios e encorajamentos até dinheiro e poder. As punições (ou sanções negativas) variam de atitudes de evitamento e desprezo até prisão, violência física e banimento. Os **tabus** estão entre as normas mais estritas. Quando alguém viola um tabu, provoca repulsa na sociedade e a punição é severa. O incesto é um dos tabus mais difundidos. Violar outras normas centrais não provoca repulsa, mas a maioria das pessoas acha que tais normas são essenciais para a sobrevivência de seu grupo ou de sua sociedade. O sociólogo William Graham Sumner (1940 [1907]) chamou tais normas centrais de **morés** (palavra latina que significa “costumes”). Sumner chamou as normas menos importantes de **folkways**. Os **folkways** geram as punições menos severas. Se um homem anda por uma rua nu da cintura para baixo, ele está violando um **more**. Se anda pela rua sem camisa, está violando um **folkway**.

Apesar dos esforços para controlá-las, as pessoas frequentemente rejeitam elementos da cultura existente e criam novos elementos culturais. As razões para isso serão discutidas mais tarde, neste capítulo, no Capítulo 13, "Os Meios de Comunicação de Massa", e no Capítulo 15, "Ação Coletiva e Movimentos Sociais". Por ora, é suficiente dizer que, da mesma forma que o controle social é necessário para manter padrões estáveis de interação, a resistência ao controle social é necessária para garantir a inovação cultural e a renovação social. Sociedades estáveis, mas vibrantes, conseguem encontrar um equilíbrio entre o controle social e a inovação cultural.

## III Cultura e Biologia

*A natureza, Sr. Almuí, é aquilo que somos colocados no mundo a fim de transcender.*  
Rose Sayer (Katharine Hepburn) em *Uma Aventura na África* (1951)

### A Evolução do Comportamento Humano

Vimos como a capacidade humana para abstrair, para cooperar e para produzir nos habilita a criar cultura e nos torna humanos. Essas capacidades são edificadas em uma base biológica sólida. A biologia, como todo sociólogo reconhece, estabelece limites e potenciais humanos bastante amplos, inclusive o potencial para criar cultura.

No entanto, alguns estudiosos do comportamento humano vão um passo além. Praticantes da sociobiologia e da psicologia evolucionária afirmam que a estrutura do cérebro humano e os genes — unidades químicas que carregam características de pais para filhos — explicam não apenas características físicas mas também comportamentos e práticas sociais específicos (Wilson, 1975; Pinker, 2002; Tooby e Cosmides, 1992). Do seu ponto de vista, os genes, por exemplo, determinam não somente se nossos olhos são azuis ou castanhos mas também outros aspectos do nosso comportamento social. Esse tipo de argumento tem se tornado cada vez mais popular desde o início dos anos de 1970. Muitos sociólogos não concordam com eles. Vamos, então, dedicar alguns parágrafos para expor tais concepções equivocadas (ver também o Capítulo 8, "Sexualidade e Gênero").

O ponto de partida da psicologia evolucionária é a teoria da evolução de Charles Darwin. Darwin (1859) observou uma grande variação nas características físicas dos membros de cada espécie. Por exemplo, alguns veados podem correr muito rapidamente; outros são mais lentos. Devido a tais variações, os membros "mais aptos" de cada espécie — os veados mais rápidos, por exemplo — têm maiores chances de sobreviver o bastante para produzir descendentes. Assim, Darwin concluiu, as características mais duradouras de cada espécie são aquelas que aumentam suas chances de sobrevivência.

### Promiscuidade Masculina, Fidelidade Feminina e Outros Mitos

Os psicólogos evolucionários contemporâneos desenvolvem argumentos semelhantes acerca do comportamento humano e dos arranjos sociais. Normalmente, *primeiro eles identificam uma característica comportamental humana presumivelmente universal*. Por exemplo: argumentam que os homens são mais predispostos que as mulheres a querer muitos parceiros sexuais.

*Depois, eles oferecem uma explicação relativa ao porquê de tal comportamento aumentar as chances de sobrevivência*. Assim, para continuar com nosso exemplo, explicam as supostas promiscuidade masculina e fidelidade feminina universais da seguinte maneira: toda vez que um homem ejacula, produz centenas de milhões de espermatozoides. As mulheres, em contraposição, normalmente produzem apenas um único óvulo por mês, entre a puberdade e a menopausa, durante os períodos em que não estão grávidas. Os psicólogos evolucionários argumentam que, devido a essas diferenças, homens e mulheres desenvolvem estratégias diferentes a fim de aumentar as chances de reproduzir seus genes. Como uma mulher produz poucos óvulos, ela aumentará as chances de reproduzir seus genes se tiver um companheiro que permaneça por perto para ajudá-la e protegê-la durante as poucas ocasiões em que estiver grávida, dar à luz e amamentar uma criança. Porque os espermatozoides de um homem são tão abundantes, ele aumenta suas chances de reproduzir seus genes se tentar engravidar tantas mulheres quanto possível. Em resumo, o desejo das mulheres por um único parceiro e o desejo dos homens por várias parceiras decorre simplesmente da maneira como homens e mulheres jogam o jogo da sobrevivência do mais apto. Os psicólogos evolucionários escrevem que estupradores do sexo masculino, podem estar apenas "fazendo o que podem para maximizar sua aptidão reprodutiva" (Barash, 1981: 55).

*A parte final do argumento dos psicólogos evolutivos é que o comportamento em questão não pode ser facilmente mudado*. As características que maximizam as chances de sobrevivência de uma espécie supostamente estão codificadas em nossos genes. Portanto, o que existe é necessário.

A maioria dos sociólogos e muitos biólogos e psicólogos são bastante críticos em relação ao tipo de raciocínio dos psicólogos evolucionários (Gould e Lewontin, 1979; Lewontin, 1991; Schwartz, 1999). Em primeiro lugar, porque *alguns dos comportamentos discutidos por eles não são universais e outros, nem mesmo comuns*. Consideremos a promiscuidade masculina. É verdade que os homens são promíscuos e as mulheres não? Os dados contam uma história diferente. Vejamos se esse comportamento é mesmo universal. Um estudo comparativo entre Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo demonstra que existem variações importantes no que se refere à adoção de valores sexuais masculinos: "A noção de uma sexualidade incontrolável como parte da natureza masculina e, como correlato, a atividade sexual diária como crucial para a afirmação da masculinidade" (Portella et al., 2003: 2) é mais freqüente em zonas rurais de Pernambuco do que em zonas urbanas ou em municípios como Rio de Janeiro e São Paulo. De acordo com a General Social Survey (Pesquisa Social Geral) desenvolvida nos Estados Unidos no ano 2000, apenas uma minoria de homens adultos (19%) afirmaram ter tido mais de um(a) parceiro(a) sexual no ano anterior (Tabela 3.2). Os números para mulheres americanas adultas eram significativamente menores (8%). No entanto, se considerarmos apenas adultos casados, os números caem para 4% para homens e 2% para mulheres, ou seja, uma diferença estatística não muito significativa (Tabela 3.3). Aparentemente, alguns arranjos sociais, como a instituição do casamento, podem explicar variações na promiscuidade masculina.

Segundo a General Social Survey, 11% das mulheres afirmaram ter tido mais de um parceiro sexual no ano anterior à pesquisa. Entre pessoas solteiras, a diferença entre homens e mulheres era de 16%. Os pesquisadores identificaram duas razões principais para tal diferença (McConaghy, 1999: 311-4). Em primeiro lugar, os homens são mais propensos a ter relações sexuais com membros do mesmo sexo do que as mulheres; além disso, os homens que o fazem tendem a ter mais

● Tabela 3.2 Número de parceiros sexuais por sexo do respondente, EUA, 2000 (em porcentagem)

|                             | SEXO DO RESPONDENTE |          |                             | SEXO DO RESPONDENTE |          |
|-----------------------------|---------------------|----------|-----------------------------|---------------------|----------|
|                             | Cooperação          | Produção |                             | Cooperação          | Produção |
| Número de parceiros sexuais | Homem               | Mulher   | Número de parceiros sexuais | Homem               | Mulher   |
| 0 ou 1                      | 81                  | 92       | 0 ou 1                      | 96                  | 98       |
| Mais de 1                   | 19                  | 8        | Mais de 1                   | 4                   | 2        |
| Total                       | 100                 | 100      | Total                       | 100                 | 100      |
| N                           | 1028                | 1313     | N                           | 506                 | 586      |

Fonte: National Opinion Research (2002).

Fonte: National Opinion Research (2002).

● Tabela 3.3 Número de parceiros sexuais por sexo do respondente, EUA, 2000. Apenas respondentes casados (em porcentagem)

|                             | SEXO DO RESPONDENTE |          |                             | SEXO DO RESPONDENTE |          |
|-----------------------------|---------------------|----------|-----------------------------|---------------------|----------|
|                             | Cooperação          | Produção |                             | Cooperação          | Produção |
| Número de parceiros sexuais | Homem               | Mulher   | Número de parceiros sexuais | Homem               | Mulher   |
| 0 ou 1                      | 81                  | 92       | 0 ou 1                      | 96                  | 98       |
| Mais de 1                   | 19                  | 8        | Mais de 1                   | 4                   | 2        |
| Total                       | 100                 | 100      | Total                       | 100                 | 100      |
| N                           | 1028                | 1313     | N                           | 506                 | 586      |

Fonte: National Opinion Research (2002).

Fonte: National Opinion Research (2002).

parceiros do que as mulheres que também o fazem<sup>1</sup>. Esse fato contraria o argumento dos psicólogos evolucionários que relaciona a promiscuidade sexual masculina a estratégias reprodutivas. Em segundo lugar, os homens aparentemente tendem a exagerar o número de parceiros sexuais quando indagados sobre o assunto em enquetes porque a cultura ocidental valoriza o desempenho sexual masculino. Esse fato também representa más notícias para os psicólogos evolucionários que querem nos fazer crer que os homens são real e naturalmente promiscuos, e não são influenciados por valores culturais para fazer tais afirmações.

De forma geral, portanto, a afirmação dos psicólogos evolucionários sobre promiscuidade masculina e fidelidade feminina é falsa. Também são falsas diversas outras afirmações sobre os chamados constantes ou universais comportamentais.

O segundo grande problema com a psicologia evolucionária é que ninguém jamais verificou que comportamentos e arranjos sociais específicos são associados a genes específicos (para uma possível exceção, veja a discussão seguinte sobre linguagem). Assim, quando se trata de sustentar seu argumento principal, os psicólogos evolucionários não têm nada além de uma frágil corrente de possibilidades e muito "talvez": "Talvez tenhamos de abrir nossas mentes e admitir a possibilidade de que nossa necessidade de maximizar nossa aptidão [reprodutiva] *pode estar* nos susurrando de algum lugar dentro de nós e que, *quer sabemos, quer não*, na maioria das vezes estamos atendendo a esses sussurros" (Barash, 1981: 31; grifos nossos). Talvez. Mas talvez não.

Por fim, mesmo se os pesquisadores finalmente descobrirem uma associação entre genes particulares e comportamentos particulares, seria errado concluir que as variações entre as pessoas decorrem apenas de seus genes. Como um dos mais importantes biólogos do mundo escreveu, "as variações entre indivíduos em uma espécie são consequências singulares [da combinação] de genes e do ambiente em interação constante" (Lewontin, 1991: 26-7; grifos nossos). Os genes *nunca* se desenvolvem sem a influência do ambiente. Os genes de um embrião humano, por exemplo, são pro-

fundamente afetados pelo consumo de cálcio, de doses diárias de crack ou de cocaína por parte da mãe. E o que a mãe consome, por sua vez, é determinado por muitos fatores sociais. Mesmo que alguém herde um gene mutante para um tipo de câncer, a probabilidade de desenvolver tal câncer é muito influenciada pela dieta, pela prática de exercícios, pelo consumo de tabaco e por outros fatores associados à poluição ocupacional ou ambiental? Como tal, o padrão de sua vida não é inteiramente codificado em seus genes. Mudanças no ambiente social produzem mudanças físicas e, em maior medida, comportamentais. No entanto, para entender os efeitos do ambiente social no comportamento humano devemos abandonar as premissas da psicologia evolucionária e desenvolver habilidades especificamente sociológicas para analisar os efeitos da estrutura social e da cultura.

## O Problema da Linguagem

### A Linguagem é Inata ou Aprendida?

Um campo no qual o pensamento biológico tem tido influência nos últimos anos é o da linguagem. Uma *linguagem* é um sistema de símbolos que se relacionam para que possamos comunicar nossos pensamentos. Equipados com uma linguagem, podemos nos entender mutuamente, passar conhecimento e experiências de uma geração a outra e fazer planos para o futuro. Em resumo, a linguagem possibilita o desenvolvimento da cultura. Conseqüentemente, os sociólogos entendem a linguagem como uma invenção cultural que distingue os seres humanos de outros animais.

Apesar disso, o psicólogo cognitivo Steven Pinker, do MIT (Massachusetts Institute of Technology), um nome importante na perspectiva biológica, afirma que a cultura tem pouco que ver com a aquisição da linguagem. Para ele, "as pessoas sabem como falar mais ou menos da mesma forma que as aranhas sabem como tecer suas teias" (Pinker, 1994: 18). A linguagem, diz Pinker, é um "instinto".

Pinker baseia sua afirmação radical na observação de que a maioria das pessoas pode facilmente criar e compreender frases que nunca foram proferidas. Nós até inventamos um grande número de palavras novas. Normalmente desenvolvemos essa habilidade na mais tenra idade, com rapidez e sem qualquer instrução formal, o que sugere que as pessoas têm uma espécie de gramática ou receita inata para a combinação padronizada de palavras. Pinker defende tal perspectiva a partir da discussão de casos de crianças pequenas, de diferentes origens linguísticas, que foram colocadas juntas em ambientes tão diversos quanto as plantações de açúcar do Havaí, na década de 1980, ou em escolas para deficientes auditivos da Nicarágua, nos anos de 1970. Aquelas crianças criaram, espontaneamente, seus próprios sistemas de linguagem e de regras gramaticais.

Além do fato de que as crianças pequenas são predispostas a criar sistemas de regras gramaticais espontaneamente, também se pode argumentar que existem partes do cérebro específicas para a linguagem: lesões em determinadas partes do cérebro prejudicam a habilidade da fala, muito embora a inteligência permaneça inalterada. Os cientistas identificaram um gene que pode ajudar a conectar os neurônios responsáveis pela fala. Algumas crianças, saudáveis sob outros aspectos, podem não desenvolver algumas habilidades ligadas à linguagem. Elas têm dificuldade de articular palavras e cometem uma variedade de erros gramaticais quando falam. Se tais desordens não puderem ser atribuídas

<sup>1</sup> A General Social Survey de 2000 não teve respondentes em número suficiente para chegar a essa conclusão com um grau de confiança satisfatório. Por isso, baseamos essa conclusão nos dados cumulativos de 1998-2000. Durante esse período, 9% dos homens com mais de um(a) parceiro(a) sexual teve relações sexuais com outros homens, ao passo que 5% das mulheres com mais de um parceiro sexual teve relações sexuais com outras mulheres.

<sup>2</sup> Alguns tipos de câncer são mais hereditários que outros, mas mesmo os tipos de câncer mais hereditários parecem ser muito mais fortemente influenciados por fatores ambientais que genéticos (Fraton, 1997; Hoover, 2000; Kevles, 1999; Lichtenstein et al., 2000; Kremenick, 1998).

Na década de 1930, os lingüistas Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf sugeriram pela primeira vez que a experiência, o pensamento e a linguagem interagem, o que ficou conhecido como a **tese de Sapir-Whorf**. A tese de Sapir-Whorf estabelece que experimentamos certas coisas em nosso ambiente e formamos conceitos acerca delas (direção 1 → 2 na Figura 3.1). Depois, desenvolvemos uma linguagem para expressar nossos conceitos (direção 2 → 3). Finalmente, a própria linguagem influencia a maneira como vemos o mundo (direção 3 → 1).

Whorf percebia os padrões de fala como "interpretações da experiência" (Whorf, 1956: 137), o que não parece controverso. Os gary de Burma, povo cuja atividade econômica principal consiste na plantação de arroz, distinguem muitos tipos de arroz. Os árabes nômades têm mais de 20 palavras diferentes para "camelo" (Sternberg, 1998 [1995]: 305). Distinções verbais entre tipos de arroz e de camelos são necessárias para alguns grupos de pessoas porque esses objetos são importantes em seus ambientes. Por causa da necessidade, eles efetuam muitas distinções entre coisas que podem nos parecer "a mesma coisa"<sup>3</sup>. Da mesma forma, termos que aparentemente se referem à mesma coisa ou pessoas podem mudar para refletir uma realidade em mudança. Por exemplo, "acromiões" são agora chamadas "comissárias de bordo", em especial depois que os homens começaram a trabalhar no setor. Em tais casos, podemos perceber claramente como o ambiente ou a experiência influencia a linguagem.

É igualmente não controverso afirmar que as pessoas devem pensar antes de poder falar (direção 2 → 3). Qualquer pessoa que já tenha se esforçado para encontrar a palavra correta ou para escrever um pensamento de maneira mais precisa sabe disso.

A parte controversa da tese de Sapir-Whorf é a direção 3 → 1. Em que sentido a linguagem, em si mesma, influencia a maneira pela qual experienciamos o mundo? Na primeira onda de estudos baseados na tese de Sapir-Whorf, os pesquisadores concentraram-se em saber se pessoas que falam línguas diferentes percebem as cores de maneiras distintas. Na década de 1970, eles concluíram que não. As pessoas que falam línguas diferentes podem ter um número distinto de termos para cores básicas, mas qualquer pessoa com visão normal pode perceber o espectro visível completo. O russo tem duas palavras para a cor azul; o português só tem uma. Isso não significa que as pessoas que falam português não consigam distinguir os diversos tons de azul.

Nos anos de 1980 e 1990, os pesquisadores encontraram alguns efeitos da linguagem sobre a percepção. Por exemplo, a palavra para "chave", em alemão, é masculina; em espanhol, é feminina. Quando pessoas que falam alemão e pessoas que falam espanhol são requisitadas a descrever chaves, as primeiras usam termos como "dura", "pesada" e "dentada"; as segundas usam termos como "adorável", "brilhante" e "sinuosa". Aparentemente, o gênero do substantivo influencia a maneira como as pessoas percebem o objeto a que o substantivo se refere (Minkal, 2002). Ainda assim, o grau segundo o qual a linguagem influencia o pensamento é uma questão controversa. Alguns homens utilizam termos como "amor", "querida", "gatinha" e "minha filha" para se diri-

<sup>3</sup> Whorf escreveu que os inuit (como preferem ser chamados os "esquimóses") têm sete palavras para diferentes tipos de neve, mas essa informação é equivocada. O inuktitut (a língua dos inuit) não tem uma só palavra para neve — ou para urso, ou peixe, ou peixe — simplesmente porque essa língua combina adjetivos e substantivos em novos termos. Essa característica gramatical do inuktitut permite a formação de palavras distintas para neve no chão, neve encharcada de água, banco de neve ao redor da casa e até mesmo neve sobre a qual se urinam. Em línguas como o inglês, também existem muitas palavras para tipos de neve distintos: *sleet* (chuva misturada com neve), *hail* (granizo), *powder* (neve fina, como um pó), *slush* (neve parcialmente derretida), *hard pack* (neve comprimida), *flurry* (pequenos flocos de neve ou nevasca, dependendo do contexto) etc. (Cruccifix, 2003; Minkal, 2002).

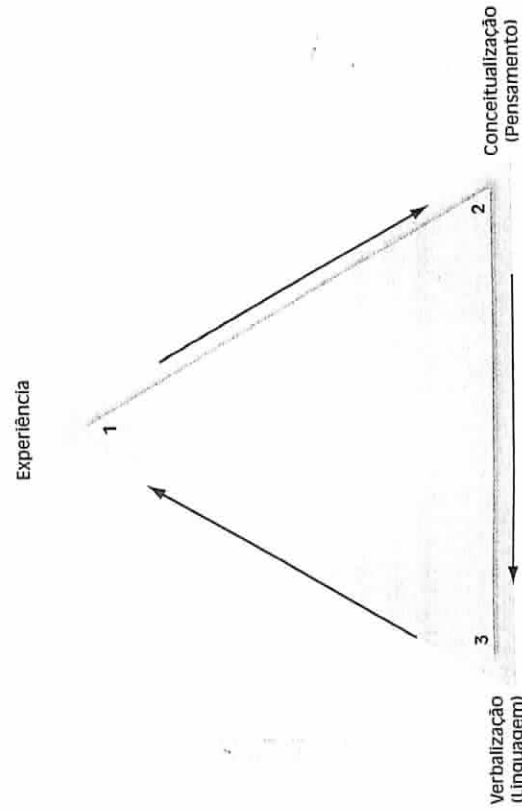
a nenhuma outra causa, essas crianças recebem o diagnóstico de *Distúrbio Específico de Linguagem* (DEL). Recentemente, foi descoberto um gene mutante, conhecido como FOXP2, associado ao DEL (Pinker, 2001). Apenas quando esse gene é normal, as crianças podem adquirir habilidades linguísticas complexas na primeira infância. A partir de observações como essas, Pinker concluiu que a linguagem é menos aprendida do que desenvolvida. Será que devemos acreditar nele?

### As Raízes Sociais da Linguagem

Com base em uma perspectiva sociológica, o argumento de que somos biologicamente predispostos a adquirir uma linguagem e a criar padrões gramaticais de fala não apresenta nenhum problema. O que é interessante, do ponto de vista sociológico, no entanto, é como o ambiente social dá forma a tais predisposições. Sabemos, por exemplo, que as crianças pequenas passam por períodos de desenvolvimento muito intensos e se não interagirem simbolicamente com outras pessoas durante esses períodos críticos, sua destreza linguística pode ficar comprometida para sempre (Sternberg, 1998 [1995]: 312). Essa descoberta sugere que nosso potencial biológico deve ser colocado em ação pelo ambiente social para que seja realizado em sua totalidade. A linguagem deve ser aprendida. O ambiente representa uma influência tão poderosa na aquisição da linguagem que nem mesmo o gene mutante FOXP2 pode selar o destino linguístico de alguém. Cerca de 50% das crianças com DEL podem se recuperar por completo com terapias de linguagem intensivas (Shanket, 2002).

De uma maneira óbvia, toda linguagem é aprendida, muito embora nosso potencial para aprender e estruturar o que aprendemos tenha raízes na biologia. O uso que fazemos da linguagem depende da comunidade linguística da qual fazemos parte. Mas qual é a relação entre o que pensamos e nosso ambiente social? Essa é a questão que examinaremos agora.

### A Tese de Sapir-Whorf e Seus Críticos



© Figura 3.1 A tese de Sapir-Whorf



girem a mulheres. Tais termos são extremamente ofensivos para muitas pessoas. Eles certamente refletem algumas desigualdades entre homens e mulheres. Algumas pessoas afirmam que esses termos, por si só, influenciam o que as pessoas pensam acerca das mulheres em termos de objetos sexuais ou de subordinação, mas os cientistas sociais ainda precisam demonstrar em que medida isso se aplica.

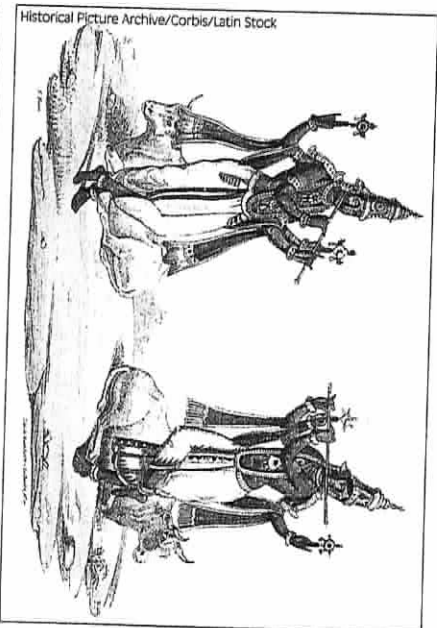
Podemos concluir, então, que pensar sobre cultura em termos biológicos apresenta vantagens e riscos. Por um lado, a biologia nos ajuda a perceber mais claramente os limites e potenciais da criatividade humana. Por outro, alguns pensadores acabaram se amarrando em uma camisa-de-força biológica. Eles não conseguem perceber como o ambiente social coloca em ação nossos potenciais biológicos e como gera variações enormes na expressão cultural de tais potenciais. A análise da cultura em toda sua diversidade, e a demonstração de como essa diversidade se articula com as variações da estrutura social, é uma tarefa para os sociólogos. No restante deste capítulo, mostraremos como os sociólogos desempenham essa tarefa. Começaremos por considerar como é possível observar a cultura de maneira relativamente objetiva.

## Cultura e Etnocentrismo

Apesar de sua importância central na vida humana, a cultura é frequentemente “invisível”. Isto é, as pessoas tendem a considerar sua própria cultura como um dado, pois ela nos parece tão “racional” e natural que raramente pensamos sobre ela. Por outro lado, conforme vimos na introdução do capítulo, as pessoas muitas vezes estranham quando são confrontadas com outras culturas. Ou seja, as idéias, as normas e as técnicas de outras culturas nos parecem estranhas, irracionais e até mesmo inferiores.

Julgárg outra cultura exclusivamente com base na nossa é uma visão conhecida como **etnocentrismo**. O etnocentrismo atrapalha a análise sociológica. Isso pode ser ilustrado por meio de uma prática que parece bizarra a muitos de nós, ocidentais: a adoração de vacas entre os camponeses hindus na Índia.

Eles recusam-se a matar vacas e comer sua carne porque, para eles, a vaca é um símbolo religioso da vida. Calendários de parede por toda a Índia rural exibem lindas mulheres com corpos de vacas brancas e gordas, com leite jorrando de suas tetas. As vacas podem andar pelas ruas, defecar nas calçadas, parar para ruminar em cruzamentos engarrafados ou em trilhos de trem, fazendo com que o trânsito pare completamente. Em Madras, as delegacias de polícia



● **FIGURA 3.2** Ritual hindu de adoração das vacas

Muitos ocidentais consideram bizarra a prática hindu de adoração das vacas. Entretanto, essa prática representa um número de funções econômicas úteis e, nesse sentido, totalmente racional. Ao se perceber a adoração das vacas exclusivamente do ponto de vista de um estrangeiro (ou também de um ponto de vista exclusivamente interno, não se pode enxergar seu aspecto racional).

mantém pastos nos quais as vacas perdidas que adoececeram podem ser cuidadas e alimentadas. O governo mantém até “asilos” para vacas idosas, nos quais elas podem permanecer gratuitamente. Todos esses cuidados parecem absurdos para a maioria dos ocidentais, em especial porque ocorrem em meio a muita fome e pobreza que poderiam ser aliviadas se os camponeses matassem suas vacas para comer, em vez de consumir seus poucos recursos alimentando-as e protegendo-as.

No entanto, de acordo com o antropólogo Marvin Harris, o etnocentrismo pode enganar muitos observadores ocidentais (Harris, 1974: 3-32). A adoração de vacas é uma prática racional, do ponto de vista econômico, na Índia rural. Em primeiro lugar, os camponeses não podem comprar tratores, então as vacas são necessárias para parrir bois, altamente necessários nas lavouras. Em segundo lugar, as vacas produzem centenas de milhões de quilos de adubo orgânico, cerca de metade dos quais são utilizados como fertilizantes e como combustível para cozinhar. Com a escassez de petróleo, carvão e madeira, aliada ao fato de que os camponeses não conseguem comprar adubos químicos, o esterco das vacas é, pode-se dizer, um presente dos deuses. Além disso, a manufatura das vacas na Índia é muito barata, uma vez que se alimentam de coisas impróprias para o consumo humano. Elas também representam fonte importante de proteínas e de subsistência para os membros das castas mais baixas, que têm o direito de utilizar os corpos das vacas mortas. Essas “inocíveis” comem carne de vaca e constituem a mão-de-obra da indústria do couro da Índia. Assim, a proteção das vacas por meio de sua adoração é uma prática perfeitamente racional e altamente eficiente do ponto de vista econômico. De fato, ela só parece irracional quando avaliada tomando-se como base os padrões ocidentais do agronegócio.

## III As Duas Faces da Cultura

A cultura tem duas faces. Em primeiro lugar, ela nos dá a oportunidade de exercitar nossa liberdade. Criamos elementos de cultura em nossas vidas cotidianas para resolver problemas de ordem prática e expressar nossas necessidades, nossas esperanças, nossas alegrias e nossos medos.

Entretanto, a criação de cultura é como qualquer outro ato de construção, no sentido de que precisamos de matérias-primas para desempenharmos nossas tarefas. As matérias-primas para a cultura que criamos consistem de elementos culturais que ou existiam antes de nascermos ou outras pessoas os criaram a partir de então. Podemos combinar esses elementos para gerar algo genuinamente novo, mas não existe outra fonte da qual possamos beber, de forma que a cultura existente coloca limites no que podemos pensar e fazer. Nesse sentido, a cultura nos *limita*. Essa é a segunda face da cultura.

Uma vez que a cultura pode ser vista tanto como uma oportunidade de liberdade quanto como uma fonte de limitação, examinaremos essas duas faces na discussão que se segue. Começaremos pela visão de que a cultura é uma oportunidade para exercermos nossa liberdade. Estabeleceremos inicialmente que os indivíduos não são apenas recipientes passivos, mas produtores e intérpretes ativos da cultura. Em seguida, mostraremos que o leque de escolhas culturais disponíveis nunca foi tão amplo, porque vivemos em uma sociedade caracterizada por uma diversidade cultural sem paralelo. Mostraremos também como o processo de globalização contribui para a diversificação da cultura e para ampliar o leque de escolhas disponíveis. Argumentaremos que essa tendência fez emergir uma era cultural nova, “pós-modernista”. Após desenvolvermos a idéia de que a cultura é uma fonte de liberdade, passaremos a considerar como a cultura pode ser uma fonte de coerção social.

## Cultura como Liberdade

### Produção Cultural

Até os anos de 1960, muitos sociólogos argumentavam que a cultura era um simples "reflexo" da sociedade. Usando a linguagem do Capítulo 2, podemos dizer que eles percebiam a cultura como uma variável dependente. A televisão, por exemplo, teria se tornado um item doméstico de primeira necessidade após a Segunda Guerra Mundial. Os sociólogos enfatizaram que sua difusão dependeu da existência de sociedades relativamente afluentes e tecnologicamente avançadas. Além disso, afirmavam, o conteúdo dos programas de televisão revelava muitas das preocupações e aspirações das pessoas nas sociedades do pós-guerra. Como parte tanto da cultura material quanto da cultura simbólica, portanto, a televisão era concebida como um reflexo da sociedade da qual emerge.

Mais recentemente, os sociólogos têm percebido a cultura como uma variável independente. É cada vez mais enfatizado que as pessoas não aceitam a cultura de forma passiva, isto é, não somos simples recipientes vazios nos quais a sociedade derrama uma mistura de crenças, símbolos e valores. Ao contrário, produzimos e interpretamos nossa cultura, adaptando-a de maneira criativa às nossas próprias necessidades.

O crítico literário britânico Richard Hoggart (1958) e o historiador social E. P. Thompson (1968) escreveram trabalhos pioneiros enfatizando como as pessoas produzem e interpretam cultura. Hoggart e Thompson mostraram como as pessoas pertencentes à classe operária moldam o ambiente social no qual vivem. Por exemplo, idéias religiosas e materiais de leitura seculares podem ser criados para as pessoas da classe operária por pessoas de classes mais altas — "de fora", por assim dizer. O que ocorre, de acordo com Hoggart e Thompson, é que os membros da classe operária interpretam aqueles elementos da cultura em seus próprios termos. De forma geral, as pessoas sempre mudam as idéias, de forma a torná-las significativas para si próprias. Essa linha de pensamento foi desenvolvida pelo sociólogo Stuart Hall (1980) e seus colegas, que mostraram como as pessoas moldam a cultura de forma a encaixar suas identidades ou seus sentidos de *self*. Esses estudos deram origem à área conhecida como "estudos culturais", que se sobrepõe à sociologia da cultura (Griswold, 1994; Long, 1997; Wolff, 1999). Mais tarde, neste capítulo e, novamente no Capítulo 13, "Os Meios de Comunicação de Massa", retornaremos a alguns dos temas desenvolvidos por Hoggart, Thompson e Hall.

### Diversidade Cultural

As pessoas interpretam e produzem cultura, o que significa que, em certa medida, temos liberdade para escolher como a cultura nos influencia. Cada vez mais podemos exercer essa capacidade porque temos mais coisas entre as quais escolher. Grande parte das sociedades do mundo está passando por uma diversificação cultural intensa, parcialmente devido às altas taxas de imigração.

Países como Israel, Austrália, Canadá e Estados Unidos apresentam grande proporção de imigrantes, o que os tem tornado sociedades bastante heterogêneas, racial e etnicamente, em especial nas últimas décadas. Nos Estados Unidos, por exemplo, mais de 28% da população é composta de não-brancos e de hispânicos. Projeções para os próximos 50 anos indicam que os grupos asiáticos e hispânicos devem crescer mais de 200%. Os grupos indígenas e afro-americanos deverão crescer de 60 a 70%. Por outro lado, os grupos de brancos não-hispânicos crescerão menos de 6%, sendo que deverão começar a encolher após 2030. Por volta do ano de 2060, os brancos não-hispânicos serão a *minoriz* da população dos Estados Unidos (U.S. Census Bureau, 2000g).

A diversificação cultural de uma sociedade como a americana é evidente em todos os aspectos da vida — desde a crescente popularidade da música latina, passando pela crescente influência do *design* asiático nas roupas e na arquitetura, até o cada vez maior suprimento de gêneros alimentícios internacionais hoje consumido pela maioria dos americanos. O casamento entre pessoas de diferentes grupos étnicos é bastante difundido e tem se tornado cada vez mais frequente entre pessoas de diferentes raças. Por exemplo, cerca de metade dos americanos de origem asiática e um décimo dos afro-americanos agora se casam fora de seus grupos raciais (Stanfield, 1997).

No nível político, entretanto, a diversidade cultural tem se tornado fonte de conflito. Esse conflito é bastante evidente nos debates recentes sobre o sistema educacional americano.

Até recentemente, o sistema educacional americano enfatizava os elementos comuns da cultura, história e sociedade americanas. Os alunos aprendiam como os colonizadores europeus superaram grandes dificuldades, prosperaram e unificaram a nação com base em elementos raciais e étnicos distintos. Os currículos das escolas geralmente negligenciavam as contribuições dos não-brancos e não-europeus para o desenvolvimento histórico, literário, artístico e científico. Além disso, os alunos aprendiam muito pouco sobre os aspectos menos palatáveis da história americana, muitos dos quais envolvendo o uso da força para criar uma hierarquia racial estrita que permanece até os dias de hoje, embora de forma diferente. Os livros de história não negavam que os afro-americanos foram escravizados e que a força bruta foi utilizada para tomar territórios dos povos indígenas e dos mexicanos. No entanto, esses livros apresentavam os acontecimentos como se fizessem parte do passado americano e tivessem poucas implicações no presente. A história dos Estados Unidos era apresentada como uma história de progresso que envolvia a *eliminação* dos privilégios raciais.

Embora o Brasil não tenha apresentado taxas de imigração semelhantes às de países como Israel, Canadá, Austrália e Estados Unidos, tais questões têm se destacado no cenário nacional. No final do século XIX, uma das principais preocupações dos intelectuais e políticos brasileiros era a miscigenação. Naquele momento, acreditava-se que a miscigenação degenerava o povo, o que tornava impossível a construção de uma nação com identidade cultural definida. Essa concepção passou por uma transformação no decorrer do século XX, quando a miscigenação passou a ser vista como elemento distintivo e positivo de nossa identidade cultural e nacional. É por essa razão que se diz que as questões raciais constituíram o pano de fundo do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil. Esse tema será tratado no Capítulo 7, "Raça e Etnicidade". O que queremos destacar aqui são as mudanças promovidas nos últimos anos com relação ao "lugar" e à visibilidade dos diferentes grupos raciais e étnicos na sociedade brasileira. Um exemplo concreto da mudança no discurso oficial e nas políticas públicas foi a aprovação da Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que incluiu no currículo da rede de ensino, pública e particular, a obrigatoriedade da remática "História e Cultura Afro-Brasileira". Assim como tem ocorrido em outras partes do mundo, uma nova versão da história nacional está sendo construída a fim de atender às demandas políticas de afirmação da diversidade cultural.

### Multiculturalismo

Nas últimas décadas, os defensores do **multiculturalismo** têm argumentado que os currículos das escolas e das universidades deveriam apresentar uma visão mais equilibrada da história, da cultura e da sociedade de diversos países — uma visão que reflita melhor a diversidade étnica e racial do passado, assim como a diversidade crescente dos dias de hoje (Ball, Berkowitz e Mzame, 1998). Uma abordagem multicultural para a educação enfatiza os empreendimentos de grupos minoritários em suas sociedades. Ela também enfatiza como se deu o domínio dos grupos majoritários sobre os mi-

noritários. Além disso, ressalta o processo pelo qual a dominação racial gerou desigualdades sociais persistentes e encoraja o uso de línguas e dialetos locais nas escolas de populações minoritárias.

A maioria dos críticos do multiculturalismo não argumenta contra o ensino da diversidade cultural. O que eles rejeitam é que, em alguns países, o multiculturalismo possa estar sendo levado longe demais (Glazer, 1997; Schlesinger, 1991; Stotsky, 1999). Em especial, argumentam que o multiculturalismo apresenta três consequências negativas:

1. Os críticos acreditam que a educação multicultural prejudica os alunos de grupos minoritários à medida que os força a gastar muito tempo com assuntos não-centrais. Para se destacar no mundo, os críticos argumentam, os alunos precisam de habilidades em matérias como a língua oficial do país e matemática. Ao desviar dessas disciplinas, a educação multicultural impediria o sucesso de membros de grupos minoritários no mercado de trabalho. (Os multiculturalistas argumentam que alunos de grupos minoritários desenvolvem orgulho e auto-estima se aplicados currículos que enfatizem a diversidade cultural. Isso ajudaria tais alunos a ter sucesso no mercado de trabalho.)
2. Os críticos também acreditam que a educação multicultural provoca desunião política, o que resulta em mais conflitos interétnicos e inter-raciais. Assim, eles desejam que as escolas e universidades enfatizem os elementos comuns das culturas nacionais. (Os multiculturalistas respondem a essa crítica afirmando que a unidade política e a harmonia interétnica e inter-racial simplesmente mantêm as desigualdades. Eles argumentam que o conflito, embora penoso, é necessário para se alcançar a igualdade entre grupos majoritários e minoritários.)
3. Finalmente, os críticos do multiculturalismo reclamam que ele encoraja o crescimento do **relativismo cultural**. O relativismo cultural é o oposto do etnocentrismo. Refere-se à crença de que todas as culturas e todas as práticas culturais têm o mesmo valor. O problema dessa visão é que uma cultura particular pode se opor aos valores de outra. E muitas culturas promovem práticas que a maioria de nós considera desumana. Será que deveríamos respeitar culturas racistas e antidemocráticas, como o regime do *apartheid* que existiu na África do Sul entre 1948 e 1992? E quanto à circuncisão feminina, ainda praticada em larga escala em países como a Somália, o Sudão e o Egito (ver Quadro 3.1)? O que dizer da prática aborígene australiana de espetar lanças nos membros de criminosos (Garkawe, 1995)? Os críticos argumentam que, ao promover o relativismo cultural, o multiculturalismo encoraja o respeito a práticas que parecem abomináveis para muitos povos. (Os multiculturalistas respondem que o relativismo cultural não precisa ser tomado de maneira tão extrema. Um relativismo cultural *moderado* encoraja a tolerância, e isso deveria ser promovido.)

O multiculturalismo é uma questão complexa e emocional que requer muito mais pesquisa e debates. Porém, acreditamos que vale a pena introduzi-lo aqui porque nos permite vislumbrar algumas questões importantes sobre o estado atual da cultura brasileira e, mais geralmente, como a cultura mundial se desenvolveu desde o tempo em que nossos ancestrais remotos viviam em tribos. Durante muito tempo, a partir do início do século XX, o ideal brasileiro era o de se criar uma nova cultura a partir de muitas — o chamado "cadinho cultural". Hoje, muitas pessoas e grupos sociais têm percebido a influência crescente de uma perspectiva, o multiculturalismo, que enfatiza justamente o oposto: a criação de muitas culturas a partir de uma. Essa é uma tendência mundial que tem ocorrido à medida que as culturas têm se tornado mais heterogêneas.

### Quadro 3.1: Política Social: O que Você Acha? Mutilação Genital Feminina: Relativismo Cultural ou Etnocentrismo?

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define mutilação genital feminina como "todos os procedimentos envolvendo a remoção total ou parcial da genital externa feminina, ou outros ferimentos aos órgãos genitais femininos, por razões culturais ou outras razões não-terapêuticas" (World Health Organization, 2001). Tais procedimentos são geralmente realizados por mulheres idosas e sem treinamento médico.

A mutilação genital feminina resulta em dor, humilhação, trauma psicológico e perda do prazer sexual. Em curto prazo, está associada a infecções, choque, danos a órgãos vizinhos e sangramento intenso. Efeitos a longo prazo incluem infertilidade, infecções crônicas nos aparelhos urinário e reprodutivo e maior suscetibilidade a doenças como hepatite B e HIV/AIDS.

Embora frequentemente associada ao Islã (o conjunto dos países muçulmanos), a mutilação genital feminina é rara em muitos países de maioria muçulmana. Trata-se de um costume social, não de uma prática religiosa. É quase universal na Somália, no Djibuti e no Egito, e comum em outras partes da África. Mais de 132 milhões de meninas e mulheres no mundo inteiro submeteram-se à mutilação genital feminina. A cada ano, cerca de dois milhões de meninas encontram-se sob risco de submeter-se a ela (Ahmad, 2000; World Health Organization, 2001).

A mutilação genital feminina é geralmente dessemelhada como um rito de passagem em meninas entre as idades de 4 e 14 anos. Em algumas culturas, as pessoas acreditam que ela aumenta a fertilidade feminina. Além disso, presumem que as mulheres são naturalmente "ujas" e "masculinas" quando possuem um vestígio do órgão sexual "masculino", o clitóris. A partir desse ponto de vista, as mulheres que não se submeteram à mutilação genital tendem a demonstrar níveis de interesse e atividade sexuais "masculinos". Elas seriam menos propensas a permanecerem vírgens antes do casamento e fêis após ele. Sendo assim, algumas pessoas acreditam que a mutilação genital feminina diminui ou erradica a excitação sexual das mulheres.

Uma reação possível à mutilação genital feminina é a "perspectiva dos direitos humanos". De acordo com essa perspectiva, a prática é apenas uma manifestação da opressão de gênero e da violência que as mulheres experimentam nas sociedades do mundo inteiro. As Nações Unidas, que adotaram tal perspectiva, definem a mutilação genital feminina

como uma forma de violência contra as mulheres. A perspectiva dos direitos humanos também tem se refletido em um número crescente de acordos internacionais, regionais e nacionais para que os governos previnam as mutilações, forneçam assistência a mulheres que se encontram sob o risco de serem submetidas e estabeleçam punições para as pessoas que operem a mutilação genital feminina. Nos Estados Unidos, por exemplo, a punição para quem realiza a mutilação genital feminina pode chegar a cinco anos de prisão. A lei enfatiza que "a crença (...) de que a operação é necessária como uma questão de costume ou de ritual" é irrelevante para a determinação da sua ilegalidade (U.S. Code, 1998).

Uma outra perspectiva em relação à mutilação genital feminina é aquela defendida pelos relativistas culturais. Eles argumentam que a perspectiva dos direitos humanos é etnocêntrica. Os relativistas culturais percebem as intervenções que interferem nessa prática como pouco mais que ataques neo-imperialistas às culturas africanas. De acordo com a perspectiva defendida por eles, qualquer discurso sobre "direitos humanos universais" nega a soberania cultural de povos menos poderosos. Além disso, a oposição à mutilação genital feminina compromete a tolerância e o multiculturalismo e promove atitudes racistas. Sendo assim, os relativistas culturais argumentam que deveríamos defender o direito de outras culturas de praticar a mutilação genital feminina, mesmo que a percebamos como destrutiva, sem sentido, opressiva e repugnante. Deveríamos respeitar o fato de que outras culturas percebem a mutilação genital feminina como significativa e funcionalmente útil.

Qual dessas perspectivas você acha mais defensável? Você acredita que certos princípios de decência humana transcendem os contextos particulares de qualquer cultura específica? Se sim, quais são esses princípios? Se você não acredita na existência de qualquer princípio universal de decência humana, então qualquer coisa é aceitável? Você concordaria, por exemplo, que o genocídio é aceitável no caso de a maioria das pessoas de uma sociedade defendê-lo? Ou existem limites para nosso relativismo cultural? Em um mundo no qual princípios supostamente universais entram em choque com princípios de culturas particulares, onde você delimitaria as fronteiras?

## A Revolução dos Direitos

Subjacente à diversificação cultural, temos a **revolução dos direitos**, processo pelo qual os grupos socialmente excluídos têm lutado para adquirir direitos iguais perante a lei e na prática. Após a explosão do nacionalismo, do racismo e dos comportamentos genocidas entre os combatentes da Segunda Guerra Mundial, as Nações Unidas proclamaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948. Sua introdução afirma:

➤ *Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo (...) A Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como ideal comum a atingir por todos os povos e todas as nações, a fim de que todos os indivíduos e todos os órgãos da sociedade, tendo-a constantemente no espírito, se esforcem, pelo ensino e pela educação, por desenvolver o respeito desses direitos e liberdades e por promover, por medidas progressivas de ordem nacional e internacional o seu reconhecimento e a sua aplicação universais e efetivos (...).* (Nações Unidas, 2004)

Inflamada por tal sentimento, a revolução dos direitos já estava a todo vapor nos anos de 1960. Hoje em dia, os direitos da mulher, das minorias, de gays e lésbicas, de pessoas com necessidades especiais, direitos constitucionais, direitos de linguagem etc., são parte integrante de nossos discursos políticos. Devido à revolução dos direitos, a democracia foi expandida e aprofundada (ver Capítulo 10, "Política"). A revolução dos direitos não terminou. Muitas categorias de pessoas ainda são sociais, política e economicamente discriminadas. No entanto, em muitas partes do mundo, todas as categorias de pessoas agora, mais do que nunca, participam mais efetivamente da vida de suas sociedades (Ignatieff, 2000).

A revolução dos direitos coloca algumas questões difíceis de serem respondidas. Por exemplo, alguns membros de determinados grupos que sofreram, historicamente, alto grau de discriminação — tal como os povos indígenas brasileiros e os afro-descendentes — têm demandado reparações sob a forma de sistemas de cotas, gestos simbólicos e terras (ver o Capítulo 7, "Raça e Etnicidade"). Existe muita controvérsia em torno da questão de saber em que medida os cidadãos de hoje são obrigados a compensar injustiças do passado.

Apesar desses problemas, a revolução dos direitos chegou para ficar e afeta muito nossa cultura. Especificamente, a revolução dos direitos tem fragmentado as culturas nacionais por meio (1) da legitimação das queixas de grupos que foram excluídos de uma participação efetiva na vida social e (2) da renovação do orgulho de sua identidade e de suas heranças culturais. Nossos livros de história, nossa literatura, nossa música, o uso de nossas línguas, assim como o próprio sentido do que significa ser brasileiro, têm se diversificado culturalmente. Homens brancos de origem europeia, heterossexuais e donos dos meios de produção ainda influenciam a vida no Brasil de maneira desproporcional em relação a outros grupos, mas nossa cultura não é mais dominada por eles da mesma forma que o era há apenas 30 anos.

## Da Diversidade à Globalização

Nas sociedades tribais pré-letradas, as crenças e práticas culturais são quase as mesmas para todos os membros. Por exemplo, muitas sociedades tribais organizam ritos de **passagem**. Essas cerimônias culturais marcam a transição de um estágio da vida para outro (batizado, primeira comunhão, casamento etc.) ou da vida para a morte (funerais etc.). Elas envolvem procedimentos elaborados, como a pintura corporal e movimentos e cantos cuidadosamente observados. São conduzidas em público e não são permitidas variações em relação à prática prescrita. A cultura é homogênea (Dürkheim, 1976 [1915]).

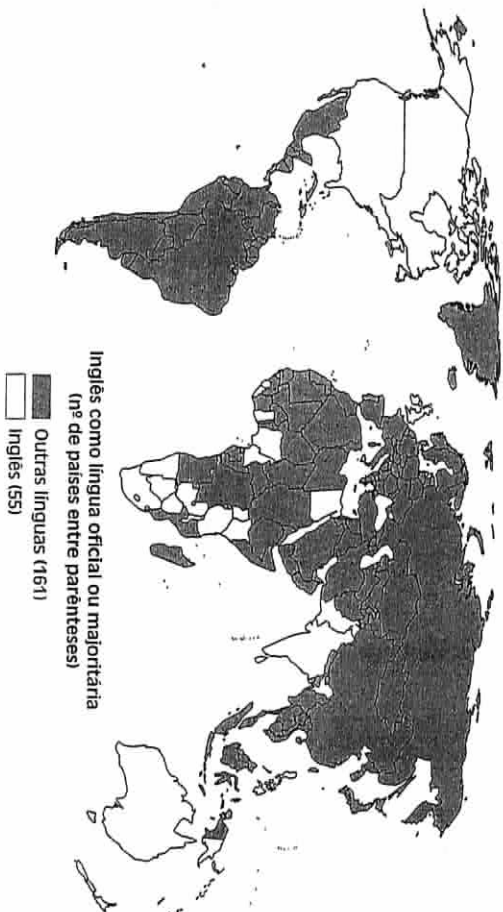
Em contraste, a Europa Ocidental e a América do Norte pré-industriais foram abaladas por forças artísticas, científicas, religiosas e políticas que fragmentaram a cultura. Movimentos como o Renascimento, a Reforma Protestante, a Revolução Científica e as Revoluções Francesa e Americana — entre os séculos XIV e XVIII — envolveram o questionamento de formas tradicionais de se fazer e de se perceber as coisas. A ciência trouxe o ceticismo em relação às formas de autoridade estabelecidas como a própria essência de seu método. A revolução política provou que não havia nada predeterminado sobre quem ou como governar. A dissidência religiosa assegurou que a Igreja Católica não mais seria o intérprete supremo de Deus para os cristãos. A autoridade e a verdade ficaram divididas como jamais o foram.

A fragmentação cultural ganhou força durante a industrialização, à medida que aumentou o número de ocupações profissionais e se cristalizaram os novos movimentos políticos e intelectuais. O ritmo dessa fragmentação está aumentando na era pós-industrial como resultado da globalização. Globalização é o processo por meio do qual economias, estados e culturas previamente separados estão se relacionando, e as pessoas estão ficando cada vez mais conscientes de sua interdependência.

A globalização tem muitas raízes. O comércio e os investimentos internacionais estão se expandindo. Hoje é possível comprar melões do Rio Grande do Norte em cidades como Londres, Paris, Toronto e Nova York. Empresas "americanas" como o McDonald's agora geram mais de 60% de seus lucros fora dos Estados Unidos, e espera-se que suas operações internacionais aumentem cerca de quatro vezes mais do que as operações internas (Commins, 1997). Ao mesmo tempo, membros de grupos raciais e étnicos distintos estão emigrando e estabelecendo contatos frequentes entre si. Um número crescente de pessoas namora e se casa com pessoas de outras denominações raciais, étnicas e religiosas. O número de organizações "transnacionais", como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, a União Europeia, o Mercosul, o Greenpeace e a Anistia Internacional, tem se multiplicado. Meios de comunicação e de transportes relativamente baratos tornam rotineiros os contatos entre pessoas de culturas distintas. Os meios de comunicação de massa tornam programas como *Big Brother* ou *No Limite* tão conhecidos em Varsóvia quanto em Manaus. A MTV difundiu o rock pelo mundo via MTV Latino, MTV Brasil, MTV Europa, MTV Ásia, MTV Japão, MTV Mandarim e MTV Índia (Hanke, 1998). Em resumo, a globalização tem colocado um fim ao isolamento político, econômico e cultural, reunindo as pessoas naquilo que o analista de mídia canadense Marshall McLuhan (1964) chamou de "aldeia global". Como resultado da globalização, as pessoas têm se tornado menos coagidas a aceitar a cultura na qual nasceram e mais livres para combinar elementos culturais de uma variedade de períodos históricos e de localizações geográficas. Globalização é um menino em Bombaim, na Índia, ouvindo Bob Marley em seu aparelho de MP3, enquanto se apressa para vestir sua calça Levi's, engolir uma tigela de comflakes da Kellogg's e se despedir dos pais em hindi porque está atrasado para a escola na qual tem aulas em inglês.

### A Ascensão do Inglês e o Declínio das Línguas Indígenas

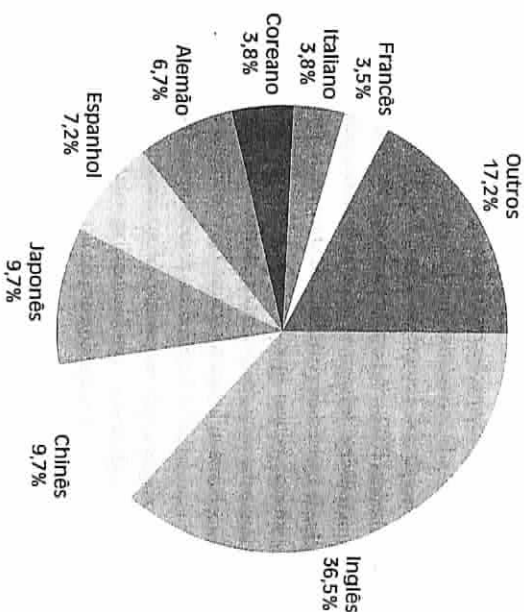
Um bom indicador da influência e do alcance da globalização é a difusão da língua inglesa desde 1600. Em 1600, o inglês era a língua materna de 4 a 7 milhões de pessoas. Nem mesmo todos os habitantes da Inglaterra falavam inglês. Hoje, entre 750 milhões a 1 bilhão de pessoas fala inglês no mundo todo — mais da metade delas como uma segunda língua (Figura 3.3). Com exceção das diversas variedades de chineses, o inglês é a língua mais difundida da Terra. Mais de metade dos periódicos científicos e técnicos do mundo é escrita na língua inglesa, assim como cerca de três quartos das cartas, fax, telegramas e dados não-numéricos das memórias dos computadores no mundo inteiro. O inglês é a língua oficial dos Jogos Olímpicos, do concurso de Miss Universo, da navegação marítima e aérea e do Conselho Mundial das Igrejas.



● Figura 3.3 O inglês como língua oficial ou majoritária

O inglês é dominante porque o Reino Unido e os Estados Unidos têm sido os países mais poderosos e influentes nos últimos 200 anos — seja do ponto de vista econômico e militar, seja do ponto de vista cultural. (Alguém já definiu “língua” como um dialeto sustentado por um exército.) Em décadas recentes, a expansão mundial do capitalismo, a popularidade dos filmes de Hollywood e dos programas de TV americanos, assim como a comunicação instantânea via telefone e internet, aumentaram o alcance da língua inglesa (Figura 3.4). Mais pessoas falam um inglês impecável na Índia do que no Reino Unido e, quando uma construtora de capital alemão, francês e italiano desenvolve um projeto de construção na Espanha, a língua da negociação é o inglês (McCrum, Cran e MacNeil, 1992).

Mesmo no Brasil, onde relativamente poucas pessoas falam inglês, palavras desse idioma são usadas com frequência. Palavras em português traduzidas de maneira duvidosa para o inglês (e vice-versa) tornam-se populares. Termos tirados da informática são particularmente abundantes:



● Figura 3.4 Uso da internet por grupo linguístico, setembro de 2004

*deletar, fazer um download* etc. Outros termos são comuns entre grupos de adolescentes e adultos jovens: *crandleur* (de *crowd*, multidão), *fashion* (de moda), *realizar* (usado no sentido de *realizar-se conta*), *type* (termo usado para pessoas viciadas em drogas, mas utilizado no sentido figurado, significando algo irresistível ou fora do normal, uma “febre”).

Devido ao uso extensivo do inglês no mundo todo, alguns grupos e organizações têm buscado resistir às pressões da globalização — como é o caso do governo francês que, em 1994, regulamentou o uso de palavras estrangeiras no país, ou dos Ministérios da Saúde e da Educação do Japão, que baniram o uso excessivo do inglês em documentos oficiais. Em 1999, o então deputado federal, Aldo Rebelo, apresentou ao Congresso Nacional um projeto de lei que visava regulamentar o uso de palavras estrangeiras no Brasil. A proposta, que tramita na Câmara dos Deputados, propõe a melhoria do ensino do português nas escolas públicas, o uso obrigatório do português em locais de trabalho, nos meios de comunicação de massa e na publicidade. A proposta enfatiza ainda o uso de traduções ou versões em português para termos de outros idiomas e o estabelecimento de multas para quem descumprir as resoluções, com base em atentado contra o patrimônio cultural nacional. Também foi criado, em 2000, o Movimento Nacional de Defesa da Língua Portuguesa, que propõe, entre outras coisas, divulgar e debater o projeto de lei do deputado Aldo Rebelo e reclamar da abolição dos acentos em endereços da internet nas páginas brasileiras (Movimento Nacional em Defesa da Língua Portuguesa, 2000).

Para o dramaturgo, romancista e professor de estética Ariano Suassuna, que usa muitos de seus textos, “aulas-espetáculo” e entrevistas para fazer uma defesa inflamada e divertida da cultura nacional, a principal questão por trás da luta em defesa do português refere-se justamente à nossa identidade cultural. Para Suassuna, não se trata de “isolar o português, que, como acontece com qualquer outra língua, se enriquece com as palavras e expressões das outras. Mas elas devem ser adaptadas à

forma e ao espírito do idioma que as acolhe. Somente assim é que deixam de ser mostrengos que nos desfiguram e se transformam em incorporações que nos enriquecem" (Suassuna, 2000). Grande parte dos críticos dessas iniciativas tende a concordar que é necessário evitar "exageros", mas questionam a constitucionalidade de projetos como o apresentado pelo ex-deputado Aldo Rebelo. Como afirma o linguista John Robert Schmitz (2000), não é possível impedir os exageros por decretos legais.

Enquanto isso, alguns milhares de línguas e dialetos estão desaparecendo da face da Terra devido à influência do inglês, do francês, do espanhol e das línguas de algumas outras nações colonizadoras. As línguas em extinção incluem aquelas faladas pelas tribos de Papua Nova Guiné, pelos povos nativos das Américas, pelas minorias nacionais e tribais da Ásia, da África e da Oceania, assim como pelos povos europeus marginalizados, como os irlandeses e os bascos. A Sociedade Linguística da América estima que as cerca de 5 mil ou 6 mil línguas faladas hoje no mundo serão reduzidas para 1 mil ou 3 mil dentro de um século. Muito da cultura de um povo — suas preces, seu humor, seus estilos de conversação, seu vocabulário técnico e seus mitos — é expressa por meio da linguagem. Sendo assim, o desaparecimento da linguagem resulta no desaparecimento da tradição e talvez até da identidade. Essas coisas são frequentemente substituídas pelas tradições e pela identidade da potência colonial, sendo que a televisão desempenha um papel importante nessa transformação (Woodbury, 2003).

### Pós-Modernismo

Alguns sociólogos argumentam que houve tanta fragmentação e reconfiguração cultural nas últimas décadas que um novo termo é necessário para caracterizar a cultura do nosso tempo: **pós-modernismo**. Os acadêmicos caracterizam a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX como a era da modernidade. Durante esse período, muito da cultura ocidental se caracterizou pela crença na inevitabilidade do progresso, pelo respeito à autoridade e pelo consenso em relação a valores centrais. Contrastando com isso, a cultura pós-moderna envolve uma mistura eclética de elementos de diferentes épocas e lugares, a erosão da autoridade e o declínio do consenso em relação a valores centrais. Consideremos cada um desses aspectos.

*Uma mistura eclética de elementos de diferentes épocas e lugares.* Na era pós-moderna, é mais fácil criar sistemas de crenças e de práticas individuais ao se misturar aspectos de diferentes culturas e períodos históricos. Consideremos a religião. Nos Estados Unidos, nos dias de hoje, as pessoas dispõem de muitas outras maneiras de cultuar do que no passado. A última edição da *Encyclopedia of American Religions* (Enciclopédia das Religiões Americanas) relaciona mais de 2.100 grupos religiosos e se pode construir uma religião personalizada envolvendo, por exemplo, a crença na divindade de Jesus e a ioga (Melton, 1996 [1978]). Nas palavras de um jornalista: "em uma era na qual nos sentimos confiantes para combinar nossos próprios investimentos e terapias de câncer, por que não nossas crenças religiosas?" (Creedon, 1998). Além disso, as crenças e práticas religiosas não derivam apenas de fontes tradicionais. Mesmo aqueles cristãos que acreditam que a Bíblia é a palavra literal de Deus frequentemente suplementam crenças e práticas judaico-cristãs com idéias menos convencionais da astrologia, poderes psíquicos e comunicação com os mortos.

Esse parece ser o caso de algumas igrejas neopentecostais no Brasil, que acreditam na presença de espíritos oriundos da umbanda e na eficácia de determinados elementos mágicos, como a cura pelas mãos, exorcismos etc. (Novaes, 2004). Também é interessante refletir sobre as igrejas virtuais que têm proliferado na internet, como é o caso da Igreja Virtual Presbiteriana e da Igreja Vir-

tual Evangélica Brasileira, que oferecem a *conversão on-line* (Igreja Virtual Evangélica, 2004). De maneira geral, tais iniciativas apontam para a presença crescente do marketing nas diversas instituições religiosas, que reconhecem a necessidade de atender desejos e necessidades dos consumidores potenciais da religião (Patriota, 2003). Dessa forma, os indivíduos podem escolher suas religiões de maneira muito semelhante à que escolhem mercadorias em uma loja: "O consumidor religioso escolhe uma e até mais de uma experiência mística, ou solução espiritual, ou serviço religioso dentre uma grande variedade de propostas provocantemente expostas no 'supermercado espiritual'" (Pierucci 1997: 112). Pratica-se, hoje, a religião *à la carte*, já que as igrejas, sinagogas e outras instituições religiosas têm diversificados seus *menus* para ter maior apelo às necessidades espirituais, sociais e de lazer dos consumidores religiosos. Isso também possibilita que elas mantenham a lealdade de seus fiéis em um mercado religioso cada vez mais competitivo (Finke e Stark, 1992).

A mistura de padrões que podemos perceber em relação à religião difere do simples sincretismo, tradicional no Brasil, na medida em que o eclétismo contemporâneo se vale de elementos novos, como os meios de comunicação de massa, a música pop etc. Além disso, o eclétismo é evidente em todas as esferas da cultura e não apenas na religião. Os puristas podem franzir o cenho para essas misturas culturais. No entanto, elas podem ter uma consequência positiva importante: embora esse não seja necessariamente o caso, as pessoas que se engajam no eclétismo cultural tendem a ser mais tolerantes e abertas em relação a diferenças étnicas, raciais e religiosas.

*A erosão da autoridade.* Há cerca de 50 anos, as pessoas conferiam muito mais autoridade do que hoje a instituições como a família, as escolas, os governos e a medicina. À medida que as bases sociais da autoridade e do que pode ser considerado como verdade se multiplicaram, ficamos mais sujeitos a desafiá-la. Figuras de autoridade antes amplamente respeitadas, incluindo-se pais, políticos e médicos, passaram a ser menos consideradas por muitas pessoas. Consideremos o caso da medicina no Brasil. A chamada medicina oficial ou tradicional (alopática) teve muito de sua autoridade contestada na medida em que sua "fragilidade" tornou-se mais visível. Em primeiro lugar, as pessoas têm cada vez mais consciência de que a inovação tecnológica envolvida na medicina moderna não se realiza apenas em nome da verdade científica mas também em nome dos grandes interesses, como os da indústria farmacêutica, dos grandes laboratórios de análise etc. (Martins, 2003). Também tem sido considerado que "a extrema especialização médica contribui para aumentar as incertezas do diagnóstico e, por conseguinte, do erro médico, ampliando, igualmente, os custos do tratamento (pois se necessita com frequência recorrer a diferentes especialistas para se chegar a um diagnóstico que o antigo clínico geral realizava em um bater de pestanas" (Martins, 2003: 32). Essas questões contribuem para aumentar a insatisfação, a frustração e o medo, o que certamente tem influência na autoridade deferida aos médicos e na busca por terapias "alternativas". A ascensão dos tratamentos "alternativos" e o declínio da confiança depositada nos médicos refletem a erosão generalizada da autoridade tradicional.

*O declínio do consenso em relação a valores centrais.* O declínio do consenso pode ser ilustrado ao se considerar o destino dos Grandes Projetos Históricos (às vezes chamados de Grandes Narrativas). Durante boa parte dos últimos 200 anos, o consenso ao redor do mundo era construído a partir de Grandes Projetos Históricos. Diversos movimentos políticos e sociais convenceram as pessoas de que elas poderiam tomar a história em suas próprias mãos e criar um futuro glorioso por meio da simples adesão a eles. O nazismo alemão foi um Grande Projeto Histórico. Seus seguidores tinham expectativas de que o Reich desfrutaria mil anos de poder. O comunismo foi um

Grande Projeto Histórico ainda maior, tendo mobilizado centenas de milhões de pessoas em busca de um futuro que prometia acabar com as desigualdades e a injustiça para sempre. No entanto, o maior e mais bem-sucedido Grande Projeto Histórico não foi tanto um movimento social, mas uma idéia poderosa — a crença de que o progresso é inevitável e de que a vida sempre melhorará, principalmente como resultado da expansão da democracia e da inovação científica.

O século XX foi cruel com os Grandes Projetos Históricos. O comunismo russo durou 74 anos. O nazismo alemão, meros 12 anos. A idéia de progresso foi desacreditada devido à morte de cem milhões de civis e de soldados em diversas guerras, ao fato de que a marcha em direção à democracia seguiu por desvios em direção ao fascismo, ao comunismo e a regimes passados no fanatismo religioso e à poluição advinda da urbanização e da industrialização, que tem colocado o planeta em risco. Na era pós-moderna, mais pessoas se dão conta de que um aparente progresso, incluindo avanços científicos, freqüentemente tem consequências negativas (Scott, 1998). Como o poeta e, e, cummings escreveu: "Nada retrocede como o progresso".

O pós-modernismo tem deixado muitos pais, professores, políticos e líderes religiosos preocupados. Tendo em vista a mistura eclética de elementos culturais de diferentes épocas e lugares, a erosão da autoridade e o declínio do consenso em relação a valores centrais, como podemos tomar decisões? Como podemos governar? Como podemos ensinar a crianças e adolescentes a diferenciar entre o certo e o errado? Como podemos transmitir gostos literários aceitos e padrões artísticos de uma geração a outra? Tais questões têm incomodado as pessoas em posição de autoridade nos dias de hoje.

Embora suas preocupações sejam legítimas, muitas figuras de autoridade não parecem ter considerado o outro lado da moeda. A condição pós-moderna, conforme descrita aqui, "empodera" pessoas comuns e as torna mais responsáveis em relação aos seus próprios destinos. Ela libera as pessoas para adotar identidades religiosas, étnicas e outras, com as quais se sentem mais confortáveis do que as que lhes são impostas por outras pessoas. Ela torna as pessoas mais tolerantes em relação às diferenças, o que não é pouca coisa em um mundo dividido por conflitos de grupo. E a atitude pós-moderna encoraja um ceticismo saudável em relação a promessas políticas e científicas cor-de-rosa e ingênuas.

### Cultura como Coerção

Afirmamos anteriormente que a cultura tem duas faces: uma que chamamos de "liberdade", outra, de "coerção". A diversidade, a globalização, a revolução dos direitos e o pós-modernismo são aspectos das novas formas de liberdade que a cultura nos possibilita nos dias de hoje. Agora examinaremos dois aspectos da cultura que atuam como forças coercitivas em nossas vidas: a racionalização e o consumismo.

### Racionalização e Tempo

A valorização positiva da ciência, tecnologia, eficiência e praticidade levou ao que Max Weber chamou de **racionalização**. A racionalização, no sentido weberiano, significa (1) o uso dos meios mais eficientes para se conseguir determinados objetivos e (2) as consequências não pretendidas ou não intencionadas que decorrem desse uso. A racionalização é evidente na maneira como o uso do tempo se desenvolveu desde o século XIV.

No século XIV, o aumento da demanda por produtos têxteis na Europa fez com que os donos de teares buscassem formas de aumentar sua produtividade. Para esse fim, eles impuseram jornadas de trabalho mais longas aos empregados. Também adotaram uma nova tecnologia para auxiliá-los na tarefa: os relógios mecânicos. Eles instalaram relógios públicos nas praças das cidades. Os relógios, conhecidos como *Werkloeken* ("relógios de trabalho") em alemão, sinalizavam o início da jornada de trabalho, o horário das refeições e o fim da jornada.

O relógio mecânico fora usado anteriormente para impor horários rígidos nos mosteiros beneditinos (Zerubavel, 1981: 31-40). Os monges adotaram um ritmo diário preciso para as preces. Em contraposição aos monges, no entanto, os trabalhadores alemães resistiram à regimentação de suas vidas. Eles estavam acostumados com muitos feriados e com um horário de trabalho relativamente flexível, regulado apenas de maneira aproximada pelo nascer e pôr-do-sol e pelas estações do ano. O regime estrito imposto pelos relógios de trabalho tornou a vida mais dura. Os trabalhadores organizaram levantes para silenciar os relógios — mas não adiantou. As autoridades se colocaram ao lado dos patrões e impuseram multas para aqueles que ignorassem os *Werkloeken*. Penas mais severas, incluindo a morte, foram impostas para qualquer pessoa que tentasse usar as campanhas dos relógios para sinalizar uma revolta (Thompson, 1967).

Agora, quase 700 anos depois, muitas pessoas ainda são escravas do *Werkloek*. Isso é especialmente verdadeiro para os casais de grandes centros urbanos que trabalham em horário integral no mercado de trabalho, que têm crianças pré-adolescentes e que não dispõem de mão-de-obra para tomar conta delas. Para esses casais, a vida freqüentemente parece uma rotina sem fim: acordar às 6h30 da manhã, fazer que as crianças se arrumem para sair, levá-los à escola em tempo hábil, dirigir para o trabalho no horário do *ruhe*, enfrentar o aumento da carga de trabalho no emprego em decorrência das demissões em massa recentes, pegar outro longo engarrafamento na volta para casa, levar as crianças para a aula de língua estrangeira, voltar para casa, fazer o jantar e lavar a louça, buscar as crianças, alimentá-las, ajudá-las nas tarefas de casa, colocá-las na cama e (caso não tenham trazido algum trabalho para fazer em casa), "vegetar" por uma hora na frente da televisão antes de "desabar" na cama por seis horas e meia e recomeçar tudo no dia seguinte. A vida pode ser menos agitada para pessoas que vivem em cidades pequenas, pessoas solteiras, casais sem filhos pequenos, pessoas aposentadas ou desempregadas. Mas a vida de muitas pessoas é tão atarefada que o tempo deve ser cuidadosamente regulado e cada momento calculado, de forma que elas possam riscar item por item de suas listas crescentes que precisam ser completadas em tempo hábil (Schor, 1992).

Depois de mais de 600 anos de condicionamento, não é mais comum que as pessoas se rebelassem contra o relógio na praça da cidade. Na verdade, hoje usamos um relógio em nossos pulsos sem nem pensar sobre o assunto. Isso significa que aceitamos e internalizamos o regime do *Werkloek*. Permittir que os relógios regulem de maneira precisa nossas atividades parece a coisa mais natural do mundo — o que é um bom indicador de que o *Werkloek* internalizado é, de fato, um produto da cultura.

A regulação precisa do tempo é racional? Ela é certamente racional como forma de assegurar a eficiência. Prestar atenção ao relógio maximiza a quantidade de trabalho que você pode desempenhar em um dia. A regulação do tempo torna possível fazer com que os trens do metrô partam e cheguem no horário, que as aulas na universidade comecem pontualmente e que as reuniões de negócios comecem na hora. Um restaurante no Japão chegou até a instalar um relógio de ponto

para os fregueses. O restaurante funciona como um bufê, a 35 ienes por minuto. Como resultado, "os fregueses correm para dentro, marcam seus cartões no relógio, enchem seus pratos no balcão do bufê e se concentram em mastigar e engolir, tentando não desperdiçar nem um minuto falando com os colegas, antes de correr de volta para o relógio e perfurar seus cartões. Essa versão de *fast-food* é tão popular que, enquanto o restaurante se prepara para abrir na hora do almoço, os moradores de Tóquio *fazem fila do lado de fora*" (Gleick, 2000 [1999]: 244; ênfases no original). Ao mesmo tempo, em Nova York e Los Angeles, alguns restaurantes elegantes começaram a entrar no esquema. Um número cada vez maior de empresários encontra-se sob tamanha pressão de tempo que marcam *dois* almoços de meia hora com clientes sucessivos. E os restaurantes favorecem esse arranjo, fazendo com que a arrumação das mesas pareça com "as atividades dos *pit stop* nas pistas de corrida das 500 Milhas de Indianápolis" (Gleick, 2000 [1999]: 155).

Prestar atenção ao relógio é racional em um sentido: assegura o objetivo de se fazer uso da tecnologia para garantir a eficiência e a praticidade. Mas isso é racional como um fim em si mesmo? Para muitas pessoas não é. Elas reclamam que a regulação precisa do tempo tornou-se exagerada. A vida simplesmente tornou-se agitada demais para que muitas das pessoas possam aproveitá-la. Nesse sentido, um *meio racional* (o *Werkloek*) foi aplicado a um *dado fim* (maximização do trabalho), mas levou a um *fim irracional* (uma vida muito agitada).

Essa é, em resumo, a tese de Max Weber sobre o processo de racionalização. Weber argumentou que a racionalidade dos meios invadiu todas as esferas da vida, até mesmo a linguagem, trazendo consequências não pretendidas que nos desumanizam e nos coagem (Figura 3.5). Como nosso uso do tempo mostra, a racionalização nos permite fazer quase tudo de maneira mais eficiente, mas a um custo altíssimo. Na visão de Weber, a racionalização é um dos aspectos mais restritivos ou coercitivos da cultura. De acordo com ele, a racionalização torna a vida no mundo moderno semelhante à vida dentro de uma "jaula de ferro".

Outro aspecto coercitivo da cultura que examinaremos é o consumismo. Consumismo é a tendência de nos autodefinirmos em termos dos bens e serviços que compramos. Trata-se da forma contemporânea de valorização do progresso material que torna a vida mais fácil.



**Figura 3.5** A racionalização da escrita chinesa. Esta é uma reprodução dos caracteres chineses para "ouvir" (*ting*), na escrita chinesa tradicional (esquerda) e na moderna, simplificada (direita). Cada caractere é composto de vários símbolos-palavras. Na escrita clássica, o ato de ouvir é representado como um processo que envolve os olhos, os ouvidos e o coração. Essa representação implica que ouvir requer uma grande empatia e envolve totalmente a pessoa. Já a escrita moderna representa "ouvir" como algo que envolve apenas uma pessoa falando e outra "pensando" a fala. A escrita chinesa moderna foi racionalizada. Será que a empatia se perdeu no processo?

## CONSUMISMO

A cadeia de lojas holandesa C&A atua no Brasil há pouco mais de 25 anos e, desde o início dos anos de 1990, tem se destacado na propaganda de varejo. A idéia diretiva das campanhas publicitárias da C&A dos anos de 1990 foi a de combinar moda (antes restrita ao universo das boutiques), variedade e preço, destacando-se, assim, de outras concorrentes do ramo. Para isso, a C&A reestruturou suas lojas, suas marcas e, principalmente, suas propagandas.

Suas principais estratégias de marketing consistiram na "reciclagem" de antigos sucessos musicais, que foram transformados em trilhas sonoras de suas propagandas, na criação de cenários sofisticados e arrojados e na inserção de "personagens" que são hoje associados à marca — como é o caso do ator e bailarino mineiro Sebastian, da supermodelo Gisele Bündchen e do cantor Ricky Martin. A grande inovação das campanhas dos anos de 1990 foi introduzir um elemento até então impensável no mundo da propaganda de varejo: um homem negro, ator e bailarino — uma estratégia semelhante foi utilizada pela indústria de cosméticos americana Mac, que contratou um *drag queen* negro para servir de garoto-propaganda da marca, já que ninguém usa mais maquiagem do que os transformistas. Mas foi essa "ousadia" que ajudou a criar um símbolo único e original para a marca, especialmente porque aquela figura "exótica" para os padrões da propaganda de então no Brasil era sustentada por imagens inovadoras e de uma estética muito diferenciada.

Dez anos depois da primeira campanha estrelada por Sebastian, uma empresa de consultoria de marcas foi contratada para desenvolver um estudo de "benefício emocional" para as novas campanhas da C&A (Troiano, 2000), — isto é, desenvolver uma nova imagem com a qual os consumidores se identificassem e que não se resumiria aos estilos de confecção e aos preços. De acordo com o relatório da empresa,

*O problema enfrentado pela C&A nos últimos anos era como potencializar a presença do seu "quase eterno" porta-voz-garoto-propaganda Sebastian, com uma companhia feminina que agresse muito valor aos trabalhos de comunicação e, com isto, fortalecesse esse vetor emocional, como vantagem competitiva (...). Por uma série de razões, os estudos apontaram para a superioridade indiscutível de Gisele Bündchen e sua capacidade de fortalecer em muito o poder de atração da marca C&A, incentivando padrões de lealdade dos atuais consumidores e atração do novos. O impacto desta mudança na comunicação de marketing da C&A foi muito grande. Os resultados de vendas foram surpreendentes e a marca C&A deu um salto em relação à sua concorrência.* (Troiano, 2000; ênfases no original)

Uma característica das propagandas da C&A é que os produtos e seus preços aparecem rapidamente, numa sucessão de imagens que enfatiza muito mais o estilo de vida e o comportamento dos personagens do que os produtos. Em outras palavras, o desequilíbrio entre as informações sobre os produtos e os valores veiculados a partir dos personagens sugere que os criadores das propagandas da C&A compreenderam que são realmente tais valores, resumidos na idéia de "benefícios emocionais", que vendem os produtos. Tanto Sebastian quanto Gisele Bündchen e Rick Martin simbolizam ideais como sucesso, conquista, juventude, simpatia, sensualidade e beleza. Copiar seus padrões de conduta traz para os consumidores a percepção de reconhecimento e de valor social que, de outra forma, eles precisariam se esforçar muito para conquistar.



Dado que a propaganda estimula as vendas, as empresas gastam cada vez mais tempo e dinheiro com ela. Porque a propaganda é muito difundida e a maioria das pessoas a aceitam como parte de suas vidas. De fato, muitas pessoas parecem ter se transformado em propagandas ambulantes. Elas desfilam orgulhosamente as etiquetas de suas roupas e acessórios como símbolos de *status* e de identidade. Os publicitários nos ensinam a associar as palavras Gucci e Nike com tipos diferentes de pessoas e, quando elas mostram essas marcas em suas roupas, estão nos dizendo algo acerca do tipo de pessoas que são. A propaganda torna-se, assim, parte de quem somos.

O processo de racionalização, quando aplicado à produção de bens e serviços, nos permite produzir com maior eficiência e ter mais coisas do que nossos pais tiveram. Mas é o consumismo, a tendência a nos definirmos em termos dos produtos que compramos, que assegura que todos os bens que produzimos serão comprados. Claro que temos muitas escolhas. Podemos escolher a partir de dúzias de modelos diferentes de tênis, carros, pasta de dentes e tudo o mais. Também podemos escolher comprar aqueles produtos que ajudam a nos identificar como membros de uma subcultura particular, ou seja, como adeptos de um conjunto de valores, normas e práticas distintos dentro de uma cultura mais ampla. Mas, independentemente dos gostos e das inclinações individuais, praticamente todos nós temos uma coisa em comum: tendemos a ser bons consumidores. Somos motivados pela publicidade, que se baseia na intuição bastante acurada de que as pessoas se considerarão párias culturais se não seguirem os padrões da moda. Ao criar tais padrões, os publicitários nos induzem a comprar mesmo que tenhamos de contrair grandes dívidas para isso (Schor, 1999). É por essa razão que, ao se referir ao estilo de vida consumista dos americanos, o sociólogo francês Jean Baudrillard afirmou que mesmo o que há de melhor na América é compulsório (Baudrillard, 1988 [1986]).

### Onde Você se Encaixa?

Se você não gosta de usar roupas cujas etiquetas ou marcas estejam visíveis, o que sua reclusão em fazê-lo informa as outras pessoas sobre quem você é? Seus amigos usam as mesmas marcas que você? E as pessoas de quem você não gosta? Você acha razoável concluir que as marcas de roupas são artefatos culturais que aumentam a solidariedade dos grupos sociais, separando-os de outros grupos?

### Domando a Revolta Subcultural

Assim como ocorre com a racionalização, o consumismo tem conseqüências não pretendidas negativas (Klein, 2000). Por exemplo, nossa cultura de consumo excessivo gera a degradação do meio ambiente. Além disso, o consumismo é extremamente eficaz em domar expressões de liberdade e individualismo, inclusive atos de dissensão e rebeldia. Isto é, sob o impacto do consumismo, desvios da cultura dominante ou hegemônica freqüentemente perdem seu poder de gerar mudanças. Eles se transformam em meios de se ganhar dinheiro. Um exemplo tirado de uma subcultura do mundo musical ajudará a ilustrar esse ponto.

### O Movimento Manguê Beat: *maracatu goes global*

Em 1991, o movimento manguê beat inaugurou um novo cenário musical em Recife quando Chico Science e Jorge Du Reixe criaram uma nova "batida", um novo *beat*: o manguê beat. Trata-se de uma fusão da musicalidade local, o maracatu, o baião, o coco, com a música *pop* européia-americana

na como o *dub*, o *funk* e o *hip-hop*. O conceito manguê beat, como a própria formação etimológica denota, procura estabelecer um diálogo entre a cultura local e a cultura global difundida pela mídia. Manguê, para dar ênfase à paisagem ambiental e local marginalizada, associada à imagem da pobreza representada pela noção de homem-caranguejo. Essa noção aponta para a semelhança, sugerida pelo pensador Josué de Castro, entre os caranguejos e os habitantes dos mangues nordestinos que se aprofundam na lama para dela extrair sua subsistência. O outro termo da expressão manguê beat, *beat*, vem do inglês — batida, ritmo —, enfatizando a música como a linguagem que interliga os dois mundos. Esses dois elementos selavam a comunhão entre o local e o global.

A poética manguê beat refletia sobre os problemas urbanos e a miséria popular, sobre o isolamento cultural local face às transformações frenéticas do cenário global evidenciado pelos meios de comunicação de massa. Enfim, criticava a inércia cultural vigente na sociedade pernambucana. A confrontação entre a cultura local e o universo globalizado do ciberepaço tinha como objetivo "expandir os limites da consciência e levar a cultura local para várias partes", para o mundo (Silva, 2004). Em 1992, os líderes do movimento assinaram contrato com a gravadora Sony e lançaram seu primeiro CD: *Da Lama ao Caos*. A partir daí, o grupo periférico, marginal, crítico e irrevêrente, enraizado na cultura local e antenado com o mundo, perdeu seu *status* de subcultura e tornou-se febre de consumo. Hoje, se formos a um ensaio de um dos grupos de percussão no centro do Recife antigo ou visitarmos um maracatu tradicional dos bairros periféricos, vamos encontrar grupos de japoneses, alemães, franceses e dinamarqueses ávidos por aprender a batida, o *beat* do maracatu, globalizado pela "afroiberdêlia" da cena manguê. A estética manguê também pode ser observada na moda, como mostra o filme *Libela e o Prisioneiro*, de 2003. Enquanto isso, o questionamento original em relação à marginalização do homem caranguejo ficou relegado a segundo plano. O manguê beat abriu espaço para a inserção das bandas de Recife no mercado nacional, descentralizando-o e possibilitando o surgimento de novos grupos que se distinguem pela forte influência da estética das classes populares. Mas, ao fazê-lo, perdeu parte de seu potencial de crítica social, que se torna sempre secundária quando uma subcultura qualquer se insere na busca pelo lucro que caracteriza a sociedade capitalista e economicamente globalizada.

### Resumo

1. Quais são os principais componentes da cultura e qual é a principal função da cultura? A cultura é composta de vários tipos de idéias (como símbolos, linguagem, valores e crenças), normas de comportamento e objetos materiais feitos pelos seres humanos. A habilidade de criar símbolos, cooperar e fazer ferramentas capacitou os seres humanos a prosperar em seus ambientes.

2. Que papel a biologia, em oposição à cultura, desempenha na configuração de comportamentos humanos específicos e de arranjos sociais?

A biologia estabelece os limites e potenciais amplos do comportamento humano e dos arranjos sociais. No entanto, a maioria dessas variações decorre das forças sociais. Os papéis da biologia e da cultura são ilustrados pelo desenvolvimento das habilidades de linguagem. Somos biologicamente predispostos a desenvolver uma linguagem e a criar padrões

gramáticos de fala. No entanto, o ambiente social dá forma a essas predisposições. Sabemos, por exemplo, que as pessoas nunca podem desenvolver competência lingüística a menos que sejam expostas à linguagem nos primeiros anos de vida. Além disso, nosso uso da linguagem é moldado pela comunidade ou comunidades lingüísticas das quais fazemos parte.

### 3. Qual é a perspectiva ideal para se analisar a cultura?

Podemos perceber melhor os contornos de uma cultura se não estivermos nem muito profundamente imersos nem muito distantes dela. Compreender uma cultura requer evitar tomarmos nossa própria cultura como a única que faz sentido e julgar outras culturas a partir dos padrões da nossa.

### 4. O que significa afirmar que a cultura tem “duas faces”?

Em primeiro lugar, que, sob alguns aspectos, a cultura nos dá oportunidades crescentes de exercitar nossa liberdade. A revolução dos direitos, o multiculturalismo, a globalização e o pós-modernismo refletem essa tendência. Segundo, que, sob outros aspectos, a cultura nos impõe restrições, colocando limites ao que podemos nos tornar. A mudança de valores nas dimensões tradicional/moderna e, a racionalização e a expansão do consumismo refletem essa tendência.

### 5. No que consiste o debate sobre multiculturalismo?

Os defensores do multiculturalismo desejam que os currículos das escolas e das universidades reflitam a diversidade racial e étnica. Também querem que tais currículos enfatizem que todas as culturas têm valor igual. Acreditam que uma educação multicultural promoverá a auto-estima e o sucesso profissional entre os membros de minorias raciais. Os críticos do multiculturalismo rezeiam que o mesmo resulte em um declínio nos padrões educacionais. Acreditam que uma educação multicultural provocaria a desunião política e conflitos interétnicos e inter-raciais. Também acreditam que o multiculturalismo promove uma forma extrema de relativismo cultural.

### 6. O que é a “revolução dos direitos”?

A revolução dos direitos é o processo pelo qual os grupos socialmente excluídos têm lutado para adquirir direitos iguais perante a lei e na prática. A todo vapor já nos anos de 1960, a revolução dos direitos envolve a promoção dos direitos da mulher, direitos das minorias, direitos de gays e lésbicas, direitos constitucionais e direitos de uso de línguas nativas. A revolução dos direitos fragmenta as culturas nacionais por meio da legitimação das queixas de grupos excluídos de uma participação efêrica na vida social e da renovação do orgulho de sua identidade e herança cultural.

### 7. O que a “globalização” da cultura envolve?

A globalização da cultura resultou do crescimento do comércio e dos investimentos internacionais, das migrações raciais e étnicas, de organizações “transnacionais” influentes e de meios de comunicação e de transportes mais baratos.

### 8. O que é pós-modernismo?

O pós-modernismo envolve a mistura eclética de elementos de diferentes lugares e épocas, a erosão da autoridade e o declínio do consenso em relação a valores centrais.

### 9. O que é racionalização?

A racionalização envolve a aplicação dos meios mais eficientes para se alcançar um determinado objetivo, assim como suas consequências não pretendidas e negativas. Ela é evidente na regulação crescente do tempo e em muitas outras áreas da vida social.

### 10. O que é consumismo?

Consumismo é a tendência de nos auto definirmos em termos dos produtos que compramos. O consumo excessivo impõe limites em quem nos tornamos, restringe nossa capacidade de divergir da cultura hegemônica ou dominante e degrada o meio ambiente.

## |||| Questões para Reflexão

1. Nós absorvemos cultura, mas também a criamos. Que elementos de cultura você já criou? Que circunstâncias levaram você a fazê-lo? Sua contribuição cultural à sociedade foi estritamente pessoal ou foi compartilhada com outras pessoas? Por quê?
2. Selecione uma prática subcultural que lhe pareça estranha, inexplicável ou irracional. Por meio de entrevistas com membros desse grupo subcultural e da leitura de textos sobre eles, explique como a prática subcultural que você escolheu faz sentido para os membros do grupo.
3. Você acha que as liberdades proporcionadas pela cultura pós-moderna superam as restrições que ela nos impõe? Por quê?

## |||| Glossário

**Abstração** é a capacidade humana de criar idéias gerais ou formas de pensar que não são relativas a exemplos particulares.

**Alta cultura** é a cultura consumida principalmente pelas classes mais altas.

**Consumismo** é a tendência de nos autodefinirmos em termos dos bens e serviços que compramos.

**Cooperação** é a capacidade humana de criar uma vida social complexa por meio do compartilhamento de normas.

**Cultura** é a soma das práticas, das línguas, dos símbolos, das crenças, dos valores, das ideologias e dos objetos materiais que as pessoas

usam para lidar com os problemas da vida real. As culturas possibilitam às pessoas se adaptar e prosperar em seus ambientes.

**A cultura de massas** é transmitida e difundida pelos meios de comunicação de massa e é normalmente associada às sociedades modernas. Tende a ser consumida por todas as classes.

**A cultura material** é composta de ferramentas e técnicas que possibilitam às pessoas desempenharem suas tarefas.

**A cultura não-material** é composta de símbolos, normas e outros elementos não-tangíveis da cultura.

A **cultura popular** é composta de objetos, práticas, valores, concepções etc. normalmente considerados tradicionais. Tende a ser confundida por todas as classes.

**Etnocentrismo** é a tendência de julgar outras culturas exclusivamente com base nos padrões de nossa própria cultura.

Os *folkways* são as normas menos importantes e geram as punições menos severas.

Uma **linguagem** é um sistema de símbolos que se relacionam para que possamos comunicar nossos pensamentos.

Os *mores* são normas centrais que a maioria das pessoas acredita serem essenciais para a sobrevivência de seu grupo ou de sua sociedade.

Os defensores do **multiculturalismo** argumentam que os currículos das escolas e universidades deveriam refletir melhor a diversidade étnica e cultural do país e reconhecer a igualdade de todas as culturas.

**Normas** são maneiras geralmente aceitas de se fazer as coisas.

O **pós-modernismo** caracteriza-se por uma mistura eclética de elementos de diferentes épocas e lugares e pela erosão do consenso e da autoridade.

**Produção** baseia-se na capacidade humana de fazer e utilizar ferramentas. Ela aumenta nossa capacidade de extrair o que queremos da natureza.

**Racionalização** é a aplicação dos meios mais eficientes para se conseguir determinados objetivos, assim como as consequências não pretendidas e negativas de tal aplicação.

**Relativismo cultural** é a crença de que todas as culturas têm um valor igual.

A **revolução dos direitos** é o processo pelo qual os grupos socialmente excluídos têm lutado para adquirir direitos iguais perante a lei e na prática desde os anos de 1960.

**Ritos de passagem** são cerimônias culturais que marcam a transição de um estágio da vida para outro (batizados, primeira comunhão, casamentos) ou da vida para a morte (funerais).

**Sanções** são recompensas e punições utilizadas para assegurar a conformidade em relação a diretrizes culturais.

**Símbolo** é qualquer coisa que carregue um sentido particular, incluindo-se os componentes da linguagem, as notações matemáticas e os signos. Os símbolos nos permitem classificar experiências e generalizar a partir delas.

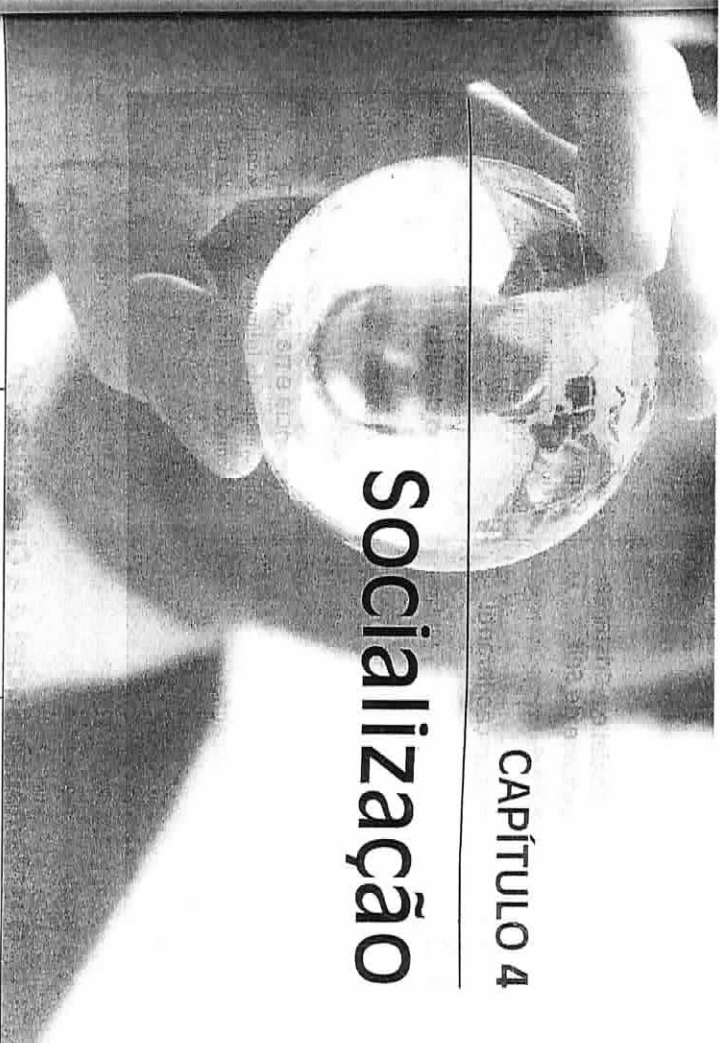
O **sistema de controle social** é a soma das sanções de uma sociedade por meio do qual se assegura a conformidade a diretrizes culturais.

Uma **sociedade** é composta de pessoas que interagem, normalmente em um território definido, e compartilham uma cultura.

**Subcultura** é um conjunto de valores, normas e práticas distintos, dentro de uma cultura mais ampla.

Os **tabus** estão entre as normas mais estritas. Quando alguém viola um tabu, provoca repulsa na sociedade e a punição é severa.

A **tese de Sapir-Whorf** estabelece que experimentamos certas coisas em nosso ambiente e formamos conceitos acerca delas. Depois, desenvolvemos a linguagem para expressar nossos conceitos. Finalmente, a própria linguagem influencia a maneira como vemos o mundo.



## CAPÍTULO 4

# Socialização

Neste capítulo,  
você aprenderá que:

- A visão de que a interação social libera capacidades humanas é apoiada por estudos mostrando que crianças criadas em isolamento não desenvolvem linguagem normal e outras habilidades sociais.
- Ao passo que a influência socializadora da família diminuiu no século XX, cresceu a influência das escolas, dos grupos de colegas e dos meios de comunicação de massa.
- A identidade das pessoas muda mais rápido, com mais frequência e mais completamente do que há algumas décadas; o *self* tornou-se mais flexível.
- As principais instituições socializadoras frequentemente ensinam lições contraditórias a crianças e adolescentes, tornando a socialização um processo mais confuso e estressante do que costumava ser.
- A diminuição da supervisão e da orientação dos pais, o aumento da adoção de responsabilidades de adulto por parte dos jovens e o declínio da participação em atividades extracurriculares estão transformando a natureza da infância e da adolescência nos dias de hoje.

